

A SAGA DO PEQUENO JOÃO

LIVRO I

Joel G. Gomes

2012

ÍNDICE DESCONECTADO

PREFÍZIO	13
MANUAL DE INSTRUÇÕES	17
INTRODUÇÃO	22
PÁGINA DE AGRADECIMENTOS	25
PÁGINA DE DEDICATÓRIAS	27
VELHA ÉPOCA	28
A HISTÓRIA DO PEQUENO JOÃO	30
O PEQUENO JOÃO E O GRANDE PÉ DE AGRIÃO ENORME	32
O PEQUENO JOÃO E OS RAPAZES PIRO-TÉCNICOS	35
O PEQUENO JOÃO E O PEQUENO ANIKIN BÓBÓ	41
GLOSSÁRIO	46
O PEQUENO JOÃO E A SUA PÁGINALAR	48
O PEQUENO JOÃO E O PEQUENO ÍNDIO JAHRKARI	52
O PEQUENO JOÃO E A GRANDE I.U.R.D.	56
O PEQUENO JOÃO E O RAPAZ DO QUISTO	60
O PEQUENO JOÃO NO PROGRAMA DA FÁTIMA LOPEZ	68
O PEQUENO JOÃO E A PEQUENA RAPARIGA DO STRESS	79
O PEQUENO JOÃO JÁ NÃO É PEQUENO	83
NOVA ÉPOCA	94
AS AVENTURAS DO PEQUENO GRANDE JOÃO	96
O PEQUENO GRANDE JOÃO E O MENINO TOINECAS	100
O PEQUENO GRANDE JOÃO CONTRA OS PIRATAS	108
O PEQUENO GRANDE JOÃO E O SEU GRANDE PÉ	115
O PEQUENO GRANDE JOÃO ATRAVÉS DOS TEMPOS	120
O PEQUENO GRANDE JOÃO EM TREBLINKA	130
O PEQUENO GRANDE JOÃO NO CAIS DO SODRÉ	134
O PEQUENO GRANDE JOÃO E A RAPARIGA DO CASACO VERMELHO COM MEDO DE ARANHAS E DE PÃES COM CHOURIÇO COM RECHEIO DE CHOCOLATE DE MENTOL	138
O PEQUENO GRANDE JOÃO NO PONTO DE DESENCONTRO	142
O PEQUENO GRANDE JOÃO E OS EMPIRISTAS DE ÂNGULO SEXO- SÓNICO	153
O PEQUENO GRANDE JOÃO FICA PEQUENO OUTRA VEZ	158
NOVA VELHA ÉPOCA	166
AS AVENTURAS DO NOVO PEQUENO JOÃO	168
O NOVO PEQUENO JOÃO NO PINHAL DE COINA	172
O ANIVERSÁRIO DO NOVO PEQUENO JOÃO	175
O NOVO PEQUENO JOÃO E OS TRÊS REIS GAGOS	178
O PERFUME DO NOVO PEQUENO JOÃO	182
O NOVO PEQUENO JOÃO E O BEHAVIORISMO	185
O NOVO PEQUENO JOÃO EM AUSCHWITZ	191

O NOVO PEQUENO JOÃO NO PLANETA DOS SÍMIOS FALANTES	195
O NOVO PEQUENO JOÃO NA LANCHONETE DO PATO ESCOCÊS	200
O NOVO PEQUENO JOÃO TEM UM ENCONTRO SUPER-IMEDIATO	204
O NOVO PEQUENO JOÃO TORNA-SE ESCRITOR	214
O NOVO PEQUENO JOÃO VOLTA A SER GRANDE	217
ÉPOCA CONTEMPORÂNEA	220
AS AVENTURAS DO NOVO PEQUENO GRANDE JOÃO	222
O NOVO PEQUENO GRANDE JOÃO E O TOM CHAINSAWYER	225
O NOVO PEQUENO GRANDE JOÃO NO CÉU	229
O NOVO PEQUENO GRANDE JOÃO E O PEQUENO VICHKYIE	232
O NOVO PEQUENO GRANDE JOÃO E O FREI LUÍS NESPEREIRA DE SOUSA	235
O NOVO PEQUENO GRANDE JOÃO E O GRANDE NOSTRADAMUS	238
O NOVO PEQUENO GRANDE JOÃO E O TIO BARRY FINN	242
O NOVO PEQUENO GRANDE JOÃO NO ALHOTOON	246
O NOVO PEQUENO GRANDE JOÃO E O PEQUENO OLÍVIO TORCE	249
O NOVO PEQUENO GRANDE JOÃO VOLTA A SER PEQUENO	252
ÉPOCA FUTURÍSTICA	258
AS AVENTURAS DO NOVO PEQUENO JOÃO QUE JÁ NÃO É GRANDE	260
A INICIAÇÃO SEXUAL DO NOVO PEQUENO JOÃO QUE JÁ NÃO É GRANDE	263
O NOVO PEQUENO JOÃO QUE JÁ NÃO É GRANDE E OS HOMENS DE NEGRO	266
O NOVO PEQUENO JOÃO QUE JÁ NÃO É GRANDE ENCONTRA O PADRE FREDERICO	267
O NOVO PEQUENO JOÃO QUE JÁ NÃO É GRANDE E O GRANDE DARTE VEITER	272
O NOVO PEQUENO JOÃO QUE JÁ NÃO É GRANDE E O GRANDE CALÍGULA	276
O NOVO PEQUENO JOÃO QUE JÁ NÃO É GRANDE E O ESTRANHO ESPÉCIME LOBUS BROCUS BOCUS AVOZIS	279
O NOVO PEQUENO JOÃO QUE JÁ NÃO É GRANDE UND DER GROSS HITLER	282
O NOVO PEQUENO JOÃO QUE JÁ NÃO É GRANDE NO PAÍS DO NATAL	287
O NOVO PEQUENO JOÃO QUE JÁ NÃO É GRANDE NÃO SABE SE É GRANDE OU PEQUENO	292
ÉPOCA SURREALISTA	296
AS AVENTURAS DO JOÃO QUE JÁ NÃO SABE SE É GRANDE OU PEQUENO	298
O JOÃO QUE JÁ NÃO SABE SE É GRANDE OU PEQUENO NO PORTUDIZNER	302
O JOÃO QUE JÁ NÃO SABE SE É GRANDE OU PEQUENO NO INTENDENTE	306
O JOÃO QUE JÁ NÃO SABE SE É GRANDE OU PEQUENO NO VELHO OESTE SELVAGEM	309
O JOÃO QUE JÁ NÃO SABE SE É GRANDE OU PEQUENO NO TIBETE	315
O NOVO PEQUENO JOÃO QUE JÁ NÃO SABE SE É GRANDE OU	

PEQUENO E A GRANDE MÁQUINA DO STRESS	319
O JOÃO QUE JÁ NÃO SABE SE É GRANDE OU PEQUENO EM ESPANHA OU O JOÃO QUE JÁ NÃO SABE SE É GRANDE OU PEQUENO E O JOVEM HISPÂNICO-MASOQUISTA PARTE 1 (DE 2)	323
O JOÃO QUE JÁ NÃO SABE SE É GRANDE OU PEQUENO E A RAPARIGA DA CAMISOLA BRANCA COM MEDO DE PIPOCAS	326
O JOÃO QUE JÁ NÃO SABE SE É GRANDE OU PEQUENO NO PARAÍSO	334
A MORTE DO JOÃO QUE JÁ NÃO SABE SE É GRANDE OU PEQUENO	338
DIGA ONÓSTICO.....	343
PÁGINA DO PASSATEMPO	349
A ÚLTIMA PÁGINA	351

LOGO A COMEÇAR PELO ÍNDICE, ISTO PROMETE.

ADVERTÊNCIA SEM ESPALHO COMUM HÍFEN

AS PÁGINAS QUE SE SEGUEM SÃO DA EXCLUSIVA AUTORIA DE QUEMA E SCREVEU DE MODO QUE QUEM QUI SER FAZER COMENTÁRIOS DEVE DIRIGIR-SE ÚNICA E EXCLUSIVAMENTE AO AUTOR DESTA OBRA E NÃO A QUALQUER PESSOA. OBRIGADO.

~~PREFIZIO~~~~PREFILO~~~~PREFASSO~~

Desisto!

Atenção! Está prestes a consumir um produto perigoso! As próximas páginas poderão afectá-lo(a) muito. Até que ponto, não posso dizer – depende da sua sensibilidade.

Mas antes de partir à descoberta, sinto-me no dever de o/a avisar sobre os perigos que podem surgir devido ao consumo em doses excessivas deste produto. Se você for uma pessoa alegre e bem disposta, este livro será muito agradável de ler (desde que tenha compreensão suficiente para não complicar o que é simples).

Se, pelo contrário, você for uma pessoa triste, depressiva (o tipo de pessoas que sofre de um vírus muito frequente nos tempos modernos: *quemmedaterumapistolaàmãoparapoder-darumtironacabeçaporqueestavidaéumamerda*¹, conhecido no meio científico simplesmente como *QMDTUPAMPPDUTNC-PEVEUM*), sugiro que siga à risca as seguintes recomendações que enumerarei já de seguida.

Antes de passar às recomendações propriamente ditas, volto a advertir sobre as consequências deste produto. As suas emoções serão manipuladas e levadas a extremos que nunca

¹ Do latim: *quiumderameunosfacumadmanumparumpoderumdarum-unumtirimcabeçumporcumvidaesedmerdum*. (N. A.) No tempo dos romanos não existiam pistolas, por isso aqui surge a doença tal como era conhecida quando foi inventado o nome pelos romanos.

considerou serem possíveis de existir.

Aqui vão as recomendações, sugiro que as leia atentamente e que as siga com cautela:

1 – Não inicie o consumo sem antes procurar um sítio estável para se sentar. Não escolha cadeiras de balanço. Opte por sítios onde possa ter o corpo bem seguro, sem perigo de cair (os bancos sem encosto estão desde já eliminados). Dê preferência ao confortável e prático. Atenção: nunca fique com a cabeça encostada à parede. Existem casos de pessoas que não resistiram e tiveram o que se chama uma QEOZCAVPAINP². Quase todos os casos foram terminais e os que sobreviveram à morte nunca mais foram os mesmos. Se estiver bem instalado(a) siga para o ponto 2.

2 – Certifique-se que os seus níveis de depressão estão o mais alto possível, afim de que este produto faça o maior efeito possível. Aconselho que inicie o seu consumo após o término de uma relação amorosa ou quando descobrir que o(a) seu/sua namorado(a) é um(a) mulher/homem. Em suma, é necessário que esteja completamente abatido(a) e a sofrer de uma variação virulógica muito comum do vírus *quemmederaterumapistola à mão para poder dar um tiro na cabeça porque está vi-da é uma merda* (QMDTUPAPPDUTNCPEVEUM), conhecida por: *descubrique onde está e tem o todo a ser fodido pelo cabrão de uma panasca e o todo a ser fodido da cabeça que só me apetece pegar numapistola e dar um tiro na cabeça desse cabrão da merda*³ (conhecido no meio

² Quebra da Estrutura Óssea da Zona Craniana Após Violenta Pancada Auto Infligida Numa Parede (sem termo em latim) (N. A.)

³ Esta doença surgiu já depois do desaparecimento dos romanos. Não disponho por isso de quaisquer dispositivos que me possibilitem a nomeação desta doença em latim. Ignoro também se algum romano sofreu desta doença. Por este facto, ao qual sou totalmente alheio e desprovido de culpa, peço as minhas desculpas. Na verdade, não tenho nada que pedir desculpas se não tenho culpa de nada, mas a

científico simplesmente por: *DQAETTASFPCDUPETTFDC-QSMAPNPEDUTNCDCCDM*.

Se está bem deprimido(a) siga para o ponto 3

3 – Se seguiu as duas primeiras recomendações à letra, assumo que neste momento está confortavelmente instalado(a) e a pensar “o que é que eu 'tou a fazer com esta merda de livro na mão?”. Se for esse caso, ótimo. Porém, antes de passar ao consumo do produto, deve antes passar ao estágio emocional seguinte: a disposição para sair do desespero depressivo. Quando tiver atingido o estágio seguinte passe para o ponto 4.

4 – Se já conseguiu ter disposição para fugir à depressão é tempo de se interrogar mais uma vez: “porque é que ainda estou com merda na mão?”. Não desespere (muito). Segure o produto com as duas mãos e comece a consumi-lo. Siga para o ponto 5.

5 – Não existem doses pré-programadas de consumo. Tudo depende da resistência de cada um(a). Pode optar por consumir um pouco todos os dias, de modo a fazer durar. Ou pode consumir tudo de uma vez. Aviso que esse tipo de consumo excessivo é perigoso e pode ter consequências irreversíveis, nomeadamente a frustração de não poder superar o prazer da primeira vez⁴. Siga para o ponto 6.

6 – Está prestes a ler o manual de instruções. Após ler isso, respire fundo e mergulhe, perdão, entre num novo universo de prazer.

ética social é uma coisa muito complexa. (N. A.)

⁴ Infelizmente, como em tudo na vida, só podemos experimentar qualquer coisa pela primeira vez apenas uma vez na vida. É triste, mas é verdade. (N. C. A. P. C.) (Nota de consolo do autor a um possível consumidor)

MANUAL DE INSTRUÇÕES

Siga atentamente as recomendações anteriores. Em caso de dúvida ou persistência dos sintomas depressivos, desista. Se o produto não fizer efeito, você é um caso perdido. Mais vale deixar-se contaminar pelo novo vírus: *jánadafazsentidoparamimvoupegarnumapistolaedarumtironacabeça demeiadúziadepe-ssoasedepoismatome* (conhecido por *JNFSPMVPNPEDUTNCD-MDDPEDM*).

Antes de iniciar o seu consumo, queria colocar várias críticas (positivas e negativas) de pessoas e/ou animais que consumiram o produto de modo a poder prever melhor os efeitos que ele pode ter em si.

“Um agradável subterfúgio para uma realidade agonizante.”

Comentador especializado

“Ão! Ão!”

Bóbi (mais conhecido por Alex)

“Fiquei maravilhado!”

Velho reformado e incógnito que se tornou conhecido em Portugal e no Mundo graças à linha da tele-amizade.

Estas são apenas algumas opiniões. Atenção à contagem decrescente! (do maior para o mais pequenino)

3.....2.....1.....
.....vire a página.

INTRODUÇÃO

Aqui está. A introdução era a única coisa que faltava. E só a estou a escrever para ocupar espaço porque, sinceramente, já não sei que dizer mais. Já fui inovador o suficiente para colocar um manual de instruções, já coloquei um ~~prefizio~~ ~~perfilo~~ ~~prefasso~~, qualquer coisa. Enfim, a necessidade de escrever esta introdução forçada deve-se ao facto de todos os livros terem uma introdução. E este caso não é excepção.

Devia ser nesta altura que eu escrevia obrigado a todos pelo vosso apoio. Devia, mas não escrevo. As pessoas que eu tenho para agradecer, irão ser agradecidas na página dos agradecimentos. (Boa! Vou fazer uma página de agradecimentos! Não me estava a lembrar dessa! Qualquer livro, perdão, qualquer **bom** livro tem que ter uma página de agradecimentos! Ah! E uma página de dedicatórias também!)

Não se desiludam se chegarem ao fim da introdução e ficarem desiludidos. Porque se ficarem desiludidos não vale a pena desiludirem-se, porque já estarão desiludidos.

E aqui está. Chegaram ao fim da introdução. Eu avisei que não valia a pena continuar a ler, mas foram teimosos. Azar! Ninguém vos mandou serem teimosos!

Atenciosamente, (ou razoavelmente perto)

O Autor
(quem perdeu tempo a escrever isto, neste caso, eu)
Joel G. Gomes

**PROIBIDO AFIXAR
PUBLICIDADE NESTA PÁGINA**

PÁGINA DE AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a mim próprio por todo o trabalho (e paciência que tive): “Obrigado, és o maior!”⁵”

Gostaria também de agradecer a uma pessoa em particular: Paulo Lameira, co-autor da primeira história do pequeno João escrita há... alguns anos atrás. Essa história, para quem não sabe, chamava-se precisamente – A HISTÓRIA DO PEQUENO JOÃO. Continha também uma versão inédita em inglês. Na verdade, a minha intenção era fazer os originais em inglês e depois fazer a dobragem, mas isso iria levar o dobro do tempo. Por isso, desisti dessa ideia.

Gostaria também de agradecer a todas as pessoas que de algum modo inspiraram a criação de muitos dos personagens secundários. Obrigado por existirem, obrigado por serem assim (não digo se isso é bom ou mau) e obrigado por não se queixarem quando eu gozo com a vossa cara. A todos vós, muito obrigado.

Nota: A próxima página é a página das dedicatórias. Também não tem nada de interessante para ler. Por isso, não me importo que passem à frente.

⁵ É verdade! (N. A. P. C. S. E.) (Nota do autor só para confirmar o seu egocentrismo)

PÁGINA DE DEDICATÓRIAS

Bolas, vocês querem mesmo ler tudo! É incrível!
Bom, aqui vai.

Este trabalho é dedicado a:

Mim, para compensar todo o esforço que eu fiz durante a sua realização. (Muito obrigado a mim!)

A todas as pessoas que contribuíram de qualquer modo para que este fosse possível.

E a todos os que lerem e gostarem.

Se alguém ler e não gostar fica excluído desta página.

E assim termina a página de dedicatórias.

Do que é que se estão a queixar? Eu disse-vos para não lerem!

VELHA ÉPOCA

A HISTÓRIA DO PEQUENO JOÃO

Num belo dia de Verão, o pequeno João estava andando pelas ruas tentando arranjar algum dinheiro. De repente, uma velha senhora apareceu e o pequeno João tirou-lhe o seu dinheiro. Depois, o pequeno João fugiu. Ele parou junto da Lanchonete do Pato Escocês e olhou para o céu. Ele pensou: "Eu tenho alguma grana, mas ainda não é o bastante. Preciso de mais."

E o pequeno João desapareceu no ar. E ele foi para o Céu. E lá, ele conheceu o pequeno garoto Jesus que não tinha um hambúrguer para o pequeno João. Mas o pequeno João era mais esperto e espancou o pequeno garoto Jesus. Mas depois, veio o grande pai Deus e expulsou ao pontapé o pobre pequeno João do Céu.

E depois, o pequeno João foi para o Inferno, onde ele conheceu o pequeno demónio Satã. Mas o pequeno demónio Satã também não tinha nenhuma comida. E o pequeno João cortou a cauda do pequeno demónio Satã. O pequeno demónio Satã ficou muito danado e o pequeno João foi enviado de volta para a terra.

Quando ele chegou lá, ele foi a uma casa de velhada e roubou alguns vovôs e vovós. E depois, o pequeno João foi para a Lanchonete do Pato Escocês e tomou um belo pequeno-almoço às seis da tarde.

FIM

Versão original: Lord F. Ullman C. Koko
Versão mal traduzida: Humberto Ricardo

Então ouviu umas vozes cantarolando. O pequeno João escondeu-se atrás de uma moita e ficou esperando que o perigo passasse. E então apareceram os sete anões mortais. O pequeno João ficou cheio de medo e ao mesmo tempo pensando.

"Devia estar aqui um gigante."

Então o pequeno João cheio de coragem se dirige aos sete anões mortais¹⁰ e lhes pergunta:

– Onde é que está o gigante?

Os sete anões mortais olham uns para os outros e depois olham para o pequeno João.

– Comemo-lo.

O pequeno João não queria acreditar. Eles só podiam estar brincando. Como é que sete anões (mesmo mortais) tinham comido um gigante?

– E agora vamos comer-te a ti.

O pequeno João começou fugindo dos sete anões mortais e chegou ao sítio donde tinha vindo. Sem pensar duas vezes (que isso era difícil para ele) o pequeno João se atirou para o abismo à sua frente e chegou são e salvo de volta ao seu habitat natural.

FIM

Versão original: Lord F. Ullman C. Koko

Versão mal traduzida: Humberto Ricardo

¹⁰ Eram mortais, porque podiam morrer. (N. A.)

O PEQUENO JOÃO E OS RAPAZES PIRO-TÉCNICOS

Numa bela noite de Verão¹¹ o pequeno João ia passeando na maior por uma zona cheia de miudagem brincando. Quando, de repente... Pum! Um enorme estrondo bagunçou a sua cabeça.

Quando o pequeno João olhou para o local da explosão, viu três caras, distintos, dois de laranja e um de rosa. Aí o pequeno João se aproximou deles e perguntou:

– Que negócio é esse, hein? Eu não gostei, não!

Aí um deles (o de rosa e pele escura) se virou e disse:

– Nós somos os Rapazes Piro-técnicos. Se te metes connosco, acabamos contigo.

– E que fazem vocês?

– Bombas.

– E porque você é diferente deles os dois, hein?

– Porque... bem... hã...

Aí, um dos outros (o de cabelo curto) interrompeu:

– Esse aí é um aprendiz. Não vês que a cor é diferente?

– A cor do quê? Do fato ou da cara?

Responde o outro (o de cabelo comprido):

– A do fato.

– E a cara?

– Foi um acidente com a sua primeira bomba de tinta.

Foi permanente.

¹¹ Calma, isto de ser noite tem uma razão muito simples que passarei a explicar de seguida: não é dia. (N. A.)

- E o que querem vocês fazer aqui?
- Nós vamos sair por aí.
- Posso ir com vocês?
- Claro!

E assim foi. O pequeno João e os Rapazes Piro-técnicos saíram pela cidade. Pararam junto de um Mini-mercado e o pequeno João perguntou:

- Vamos aprontar aí?
- Não. Vamos comprar material.

Entraram e foram à secção de higiene. O de pele escura pegou num rolo de papel higiénico e disse:

- Já temos um rastilho!

Os outros dois olharam para ele, depois para o papel higiénico e novamente para ele e começaram espancado-o. O pequeno João sem saber o que fazer começa também espancando.

- Mas estamos batendo nele porquê?
- Já o avisámos que não queremos nada com a Revelha.
- Pois é, papel higiénico é só da Cagolar.
- Perdão! Peço perdão!
- É a última vez!
- Sim, mestre! Obrigado!

Pegaram num rolo da Cagolar e foram para a secção de bebidas alcoólicas. O de cabelo comprido pegou numa garrafa e disse com um sorriso de orelha a orelha:

- Rum!

Todos olharam para ele.

– O rum arde bem. Tem bons potenciais como explosivo.

Aí, o de cabelo curto disse:

- Tá bem, levamos essa e uma de refrigerante gaseifi-

cado com sabor a caramelo.¹²

– De refrigerante gaseificado com sabor a caramelo?¹³
– perguntou o pequeno João.

– É por causa do gás.

– E agora, vamos fazer uma bomba.

Saíram do Mini-mercado e foram para junto de uma área povoada. O de cabelo curto pegou numa garrafa vazia e encheu-a com refrigerante gaseificado com sabor a caramelo e rum.

– Já temos o pós-bomba. Se resultar é para comemorar. Senão, é para ajudar a esquecer.

O de cabelo comprido pegou noutra garrafa e encheu-a com o resto de rum e de refrigerante gaseificado com sabor a caramelo.¹⁴

– Toma, dou-te a honra!

E entregou a garrafa ao de pele escura. Este, emocionado, começou agitando¹⁵ muito contente.

Estava pronto o explosivo. O pequeno João pegou num bocado de papel higiénico e tapou o gargalo da garrafa com ele¹⁶. Depois o de cabelo comprido foi buscar fogo para acender o rasilho. Depois acenderam o rasilho e lançaram a garrafa no ar.

E... crás!!! A garrafa caiu junto de uma bomba de gasolina e foi o maior estrondo que se possa imaginar. Aí, diz o de pele escura:

– Foi melhor do que imaginávamos! Não achas, ó puto?

– Sim!

¹² Tanta coisa para não dizer o nome. (N. A.)

¹³ Isto soa mesmo ridículo, não soa? (N. A.)

¹⁴ Se não fosse a última vez que faço referência a isto, deixava de escrever, mas como é, vou mesmo deixar de fazer. (N. A.)

¹⁵ A garrafa. Suas mentes perversas. (N. A.)

¹⁶ Com ele, o bocado de rolo. Não ele próprio. (N. A.)

Aí, disse o de cabelo comprido:

– Vamos fazer outra!

Foram outra vez ao Mini-mercado e trouxeram uma boneca insuflável tipo Pamela Anderson. Colocaram-na no chão e abriram-na.

– Vamos enchê-la de silicone. O silicone é um bom explosivo.¹⁷

– Mas ela já está cheia!

– Então, tiramos e voltamos a pôr! Bolas! Assim nunca deixarás de ser um aprendiz. A nossa primeira regra é...

– Eu sei: os mestres têm sempre razão.

– Vá, acende o fósforo e despacha-te!

O de pele escura segura no fósforo e deixa-o cair antes do tempo.

– Seu idiota!

Uma enorme explosão, lança o pequeno João pelo telhado, onde vai cair em cima de um monte de feno.

Os outros três estão no meio do que resta da sala a olhar uns para outros.

Diz o de pele escura:

– Não foi assim tão mau, pois não, puto?

Mas o “puto” que era o pequeno João já tinha desaparecido rumo a outra aventura.

FIM

Versão original: Lord F. Ullman C. Koko

Versão mal traduzida: Humberto Ricardo

¹⁷ Isto foi cientificamente comprovado. Uma em cada duas mulheres têm tendências a explodir se forem demasiado “enchidas”. É o chamado “efeito-balão”. (N. A.)

O PEQUENO JOÃO E O PEQUENO ANIKIN BÓBÓ

Num belo dia de Verão, encontrava-se o jovem pequeno João a **desfrutar** de agradáveis momentos de lazer, caminhando pelas ruas da cidade. O sol brilhava com **fulgor** e forte **luminosidade**. Os pássaros **chilreavam** alegremente nas árvores. As pessoas sorriam pelas ruas. Estava um lindo dia.

Era neste ambiente de felicidade quase **onírica** que se o jovem pequeno João se deslocava. **Ciente** de que ele próprio se sentia bem, achou estranho quando notou **uma presença negativa que contrastava em muito com aquele ambiente de felicidade que naquele momento todos viviam**.

Todos... não. Havia um rapaz, um pequeno rapaz, encostado a uma parede, que não aparentava quaisquer vestígios de paz. Muito pelo contrário, o seu **semblante** estava, de certo modo, muito **taciturno**, carregado de uma grande dose de amargura e desgosto. O jovem pequeno João, mesmo sendo ingénuo e **sem grandes aptidões mentais**, percebeu que aquele rapaz estava triste. Foi nesse momento que o jovem pequeno João resolveu interpelá-lo.

Aproximou-se do pequeno rapaz com cuidado. **Foi nesse breve instante, esse que antecedeu e logo de seguida anulou a sua fala**, que o jovem pequeno João reparou que o pequeno rapaz tinha um olhar **hírt** como se fitasse o vazio. Seguiu a **linha do seu olhar** em busca do que o pequeno rapaz estaria a observar. Era uma parede! Nada mais

que uma simples parede. O jovem pequeno João começou a sentir muitas dúvidas. O que poderia atormentar tanto aquela pobre alma atormentada? Estava cansado de tentar adivinhar por isso resolveu perguntar:

– Oi, cara! O que é que cê tá vendo, hein?

O pequeno rapaz não respondeu, mantendo o silêncio. Parecia que, embora o seu corpo estivesse ali, a sua mente encontrava-se noutro local, fora do tempo e do espaço conhecidos pelo Homem.

– Oi? Cê tá me ouvindo?

O pequeno rapaz não respondeu. Em vez disso, fez sinal ao pequeno João para ele se calar. O jovem pequeno João obedeceu. Era perfeitamente claro agora que aquele rapaz não estava triste; estava, isso sim, muito concentrado no que observava.

Infelizmente, o jovem pequeno João não conseguia compreender o que é que poderia haver naquela parede que merecesse uma observação tão atenta? Seria a cor? Não, a cor não podia ser. A parede era branca, de um branco claro, mas ligeiramente manchado pela sujidade.

Seria o tipo de material? Não, **aquela parede era uma parede igual a tantas outras iguais àquela**. Então, o que é que poderia existir naquela parede que despertasse tanto o interesse daquele pequeno rapaz?

O jovem pequeno João resolveu **questionar** o pequeno rapaz novamente, **sem tomar em consideração o seu pedido anterior**.

– Me desculpe, mas eu gostava muito de ver o que você está vendo.

Então, o pequeno rapaz suspirou e pela primeira desde que o vira, o jovem pequeno João ouviu a sua voz. Tinha um tom grave e **monocórdico**, tendo **grande cuidado na pronúncia das palavras**.

– Estás a ver aquela parede?

– Sim.

– Muito bem. Estás a ver aqueles dois pontos negros?

O jovem pequeno João olhou para a parede.

De facto, no meio do forte brilho daquele luminosidade branca estavam dois minúsculos pontos negros. Mas eram tão pequenos que eram quase **imperceptíveis** a olho nu.

– Estou vendo, sim. E daí? O que é que isso aí tem de especial?

– Cala-te **zote!**

– O que é que você me chamou?

– Qualquer coisa que agora não me lembro¹⁸! Mas adiante... Aqueles dois pontos negros é um casal de pulgas a ter relações sexuais. É um momento único na natureza. Por isso, se quiseses, podes ficar aqui comigo e observar, desde que mantinhas o silêncio, é claro; **ou podes te ir embora e, nesse caso, peço-te que o faças o mais rápida e silenciosamente possível.**

O jovem pequeno João pensou. O que fazer? Ficar ali com aquele pequeno rapaz e observar aquele casal de pulgas a ter relações sexuais; ou ir-se embora para **desfrutar das actividades recreativas próprias dos jovens da sua idade?** Era uma decisão difícil. Aí, o pequeno rapaz perguntou:

– E então? Ficas ou vais?

O jovem pequeno João respondeu:

– Fico.

E assim fez. O jovem pequeno João e aquele pequeno rapaz, de seu nome Anikin Bóbó, ficaram ali por horas e horas, **alheios ao tempo e ao espaço**, a observar aquele magnífico ritual da natureza.

¹⁸ Ver nota 1. (N. A.)

FIM

Versão original: Lord F. Ullman C. Koko

Versão mal traduzida: Humberto Ricardo

NOTA 1: Este texto encontra-se escrito de uma forma muito mais sóbria e cuidada que o restantes das outras histórias do pequeno João. A razão de tal facto prende-se com a personagem central desta história. O pequeno Anikin Bóbó é baseado num filme do cineasta Manoel de Oliveira. Embora não tenha visto o filme, quis criar esta personagem calma, concentrada e algo estranha e, para tal, a linguagem a ser usada teria obrigatoriamente que fugir aos parâmetros habituais da minha escrita.

Para saciar as dúvidas de alguns, esta história irá ter, em anexo, um glossário de palavras e expressões que possam ser consideradas de mais difícil compreensão. Muito obrigado pela vossa preferência,

O Autor

NOTA à NOTA 1: O glossário não irá incluir o texto da primeira nota.

GLOSSÁRIO

Este glossário ao conto antecedente: O PEQUENO JOÃO E O PEQUENO ANIKIN BÓBÓ. Notem que os significados atribuídos a certas palavras ou expressões não é o mais correcto. Porém, é mais simples assim para poderem compreender o seu significado.

▪ **A DESFRUTAR DE AGRADÁVEIS MOMENTOS DE LAZER** – na boa vida.

▪ **FULGOR / LUMINOSIDADE** – acessório linguístico. Bastava-me escrever: “O sol brilhava.”

▪ **CHILREAVAM** – faziam barulho

▪ **ONÍRICA** – do mundo da lua

▪ **CIENTE** – consciente

▪ **UMA PRESENÇA NEGATIVA QUE CONTRASTAVA EM MUITO COM AQUELE AMBIENTE DE FELICIDADE QUE NAQUELE MOMENTO TODOS VIVIAM** – quando tudo tá bem, tem que aparecer sempre alguém para estragar a festa.

▪ **SEMBLANTE** – focinho

▪ **TACITURNO** – calado

▪ **SEM GRANDES APTIDÕES MENTAIS** – burro

▪ **FOI NESSE BREVE INSTANTE, ESSE QUE ANTECEDEU E LOGO DE SEGUIDA ANULOU A SUA FALA** – Aí, o jovem pequeno João calou-se e não perguntou nada.

▪ **HIRTO** – imóvel

▪ **LINHA DO SEU OLHAR** – não existe definição para esta expressão. É qualquer coisa como: “olhou para ver para onde é que estava a olhar”

▪ **AQUELA PAREDE ERA UMA PAREDE IGUAL A TANTAS OUTRAS IGUAIS ÀQUELA** – era uma parede qualquer

▪ **QUESTIONAR** – perguntar

▪ **SEM TOMAR EM CONSIDERAÇÃO O SEU PEDIDO ANTERIOR** – cagou na cena

▪ **MONOCÓRDICO** – chato como o caraças

▪ **GRANDE CUIDADO NA PRONÚNCIA DAS PALAVRAS** – sabia falar

▪ **IMPERCEPTÍVEIS** – não se via a ponto de um corno

▪ **ZOTE** – idiota

▪ **OU PODES TE IR EMBORA E, NESSE CASO, PEÇO-TE QUE O FAÇAS O MAIS RÁPIDA E SILENCIOSAMENTE POSSÍVEL** – ou ficas aqui calado, ou bazas sem dar um pio!

▪ **DESFRUTAR DAS ACTIVIDADES RECREATIVAS PRÓPRIAS DOS JOVENS DA SUA IDADE** – ir para a borga

▪ **ALHEIOS AO TEMPO E AO ESPAÇO** – na deles

O PEQUENO JOÃO E A SUA PÁGINALAR¹⁹

Num belo dia de Verão, o pequeno João estava passeando por um sítio escuro e com umas luzes muito esquisitas. Aí, o pequeno João passou em frente²⁰ a um café e viu um le-treiro luminoso piscando muito. Aí, o pequeno João tentou ler o que estava escrito, mas aquilo brilhava muito e o pequeno João estava ficando com uma tremenda enxaqueca!

Desistiu de ler, mas resolveu entrar à mesma.

“Que negócio esquisito!”

E era verdade. Aquilo era mesmo esquisito. E não estou a escrever isto apenas por ser o autor. Aquilo era mesmo estranho. (Como é que eu consegui imaginar então?) Continuando...

O som era nulo²¹ e a luz iluminava²². Nas mesas estavam objectos estranhos, parecidos com uma televisão e uma máquina de escrever misturados! Que grande confusão! O pequeno João estava muito curioso e resolveu aprontar um negócio bem legal!

Aí, quando o pequeno João ia começar mexendo nesse estranho aparelho, um empregado chegou-se junto do pequeno João e aí o empregado explicou ao pequeno João o

¹⁹ Homepage (*N. A. P. F. N. (Nota do Autor com Pretensões de Falso Nacionalismo)*)

²⁰ Na verdade, foi ao lado. O café ficava numa esquina. (*N. A.*)

²¹ Não havia som, portanto. (*N. O. A.*) (*Nota Óbvia do Autor*)

²² Ou seja, havia luz. (*N. O. A.*) (*Nota Óbvia do Autor*)

que era aquilo e para que servia. Mas a explicação demorou muito tempo. Dois anos se passaram²³...

O pequeno João estava agora pronto para mexer num computador! Após, dois anos de intensa aprendizagem, o pequeno João aprendera que aquele aparelho não era nenhuma mistura de televisão com máquina de escrever, mas sim um computador! O pequeno João estava muito contente!

Aí, o pequeno João resolveu ir aprontar na Internet. Conforme o empregado lhe tinha dito:

“A Internet é um sítio bem bacana onde você pode fazer tudo o que quiser!”²⁴

E assim, o pequeno João começou explorando e aprontando. Aqui fica o resultado.

0101010101010101010010000101010010010010010010
0100101001000100110110111110101010111010101010
101010001100101010100010010000101001001001001000
100100100010000001001000100010010101000100101000
11010100101101010101100110110110101011001

Quando acabou de brincar²⁵, o pequeno João estava muito cansado. Aí, o pequeno João resolveu sair do café e ir procurar um sítio para dormir.

FIM

Versão original: Lord F. Ullman C. Koko

Versão mal traduzida: Humberto Ricardo

²³ Não tinha tempo nem paciência para descrever os dois anos de aprendizagem. (N. A.)

²⁴ É claro que o empregado não usou este tipo de discurso. Mas, como o pequeno João não consegue pensar noutra língua sem ser a dele... (N. A.)

²⁵ Neste momento, devem estar a pensar: “O que é que está aqui escrito?” Pois é... Eu também. (N. A.)

O PEQUENO JOÃO E O PEQUENO ÍNDIO JAHRKARI

Num belo dia de Verão, o pequeno João estava à procura de um sítio bem legal para comer. Foi caminhando, foi caminhando até que chegou num sítio muito estranho, cheio de poeira e areia. Parecia um deserto, mas não era. No deserto não se ouviam gritos²⁶ e ele estava ouvindo. Aquilo não podia ser um deserto! Não podia não!

Aí, o pequeno João olhou para o horizonte, bem lá no fundo e aí o pequeno João viu uma baita nuvem de fumaça.

“Que legal! Alguém deve estar fazendo um churrasco! Vou até lá!”

E assim fez. Infelizmente o pobre pequeno João não sabia que aquilo não era nenhum churrasco. Na verdade aquilo era um... Não! Não posso dizer! Se eu disser não tem graça nenhuma!

Tá bom, eu digo! Mas não contem pra ele, tá bem?

Aquilo era um ritual índio feito pelos índios da tribo do pequeno índio Jahrkari. Era um ritual de iniciação – o pequeno índio Jahrkari ia deixar de ser chamado pequeno índio Jahrkari e ia passar a ser chamado índio Jahrkari que já foi pequeno índio Jahrkari mas depois de passar o ritual de iniciação deixou de ser pequeno índio Jahrkari.

Onde é que vou arranjar paciência para escrever estes

²⁶ Bem, se estivermos perdidos no deserto até ouvimos música clássica. (N. F. P. A. A. D. N. T. E. P. D.) (Nota forçada da parte do autor apesar deste nunca ter estado perdido no deserto)

nomes?²⁷

Adiante...

Quando chegou lá ao local do churrasco, o pequeno João viu um bando de gente esquisita aos saltos à volta de uma fogueira. E mais esquisito ainda, estava um pequeno índio pendurado de cabeça para baixo numa árvore, com a cabeça bem em cima da fogueira.

“Que horror! São canibais!”

Aí, o pequeno João começou sentindo muitas dúvidas. Será que devia salvar o rapaz? Eles eram muitos e grandes. O pequeno João podia acabar também na fogueira e ele não queria que isso acontecesse. Talvez porque já tivesse recorrido ao auto-canibalismo²⁸ e soubesse que sabia mesmo mal e por isso não queria dar uma dor de barriga àqueles pobres índios.

Mas enquanto o pequeno João pensava. Um velho índio, talvez o feiticeiro da tribo, sentiu a presença de um estranho naquelas terras e ordenou que capturassem o pequeno João²⁹.

Aí, o pequeno João foi levado para para o meio dos

²⁷ Desabafo(N. D. A. Q. R. A. T. M. H. A. A. E. L.) (*Nota de desespero do autor quando reparou que ainda tinha muitas histórias até acabar de escrever o livro*)

²⁸ Facto ocorrido numa história não inventada do pequeno João que devido ao seu elevado grau de violência e complexidade paradoxal não irá ser inventada. Pelo menos agora. (N. A.)

²⁹ Não estão à espera que eu escreva tudo ao pormenor, pois não? se calhar queriam que eu escrevesse: “após uma cuidadosa meditação, o velho feiticeiro assumiu que estava um intruso nas terras sagradas e portanto resolveu erguer-se do chão onde estava sentado e dirigir-se ao chefe da tribo. Quando chegou ao chefe da tribo, o velho feiticeiro índio disse:...” não pensem que eu escreveria isto. Se escrevi, foi só para vos mostrar o que é que eu não ia escrever. Ainda por cima, eu não falo indianês, ou seja lá o que for que eles lhe chamem. (N. A.)

índios. O pequeno João finalmente tinha percebido que eles não o iam comer. “Ainda bem!”, pensou ele.

Os índios colocaram o pequeno João igualzinho ao pequeno índio Jahrkari.

Dois dias se passaram. O pequeno João estava se sentindo esfomeado! Tinha tanta fome que não conseguia evitar os ruídos que o seu estômago fazia. E o pequeno índio Jahrkari também não. Era uma confusão enorme! E um barulho que ninguém suportava!

Brrr. Brrr. Brrr³⁰.

Os índios começaram gritando. E estavam gritando de alegria! Aí, os índios soltaram os dois e fizeram uma enorme festa.

O espírito sagrado estava nos dois! A partir desse momento, o pequeno índio Jahrkari e o pequeno João estavam unidos em espírito para sempre. E o índio Jahrkari deixou de ser chamado pequeno índio Jahrkari e passou a ser chamado índio Jahrkari que já foi pequeno índio Jahrkari mas que depois de passar o ritual de iniciação deixou de ser pequeno índio Jahrkari.

FIM

Versão original: Lord F. Ullman C. Koko

Versão mal traduzida: Humberto Ricardo

³⁰ Detesto onomatopeias. Ou será que é onamatopeias? Bom, não interessa como é que se escreve. Só sei que não gosto! Porque não inventam um processador de texto com som? ou um tipo de papel com fita magnética? E, já agora, uma impressora sonora? (N. A.)

O PEQUENO JOÃO E A GRANDE I.U.R.D.

Uma vez, num belo dia de Verão (como não podia deixar de ser) o pequeno João ia tranquilamente a fugir de uma grande formiga má quando acertou numa grande velha com a cabeça. A grande velha disse:

– Oh, merda!

O pequeno João pensou que ela se estava queixando de alguma doença venérea e levou-a para ajudá-la.

Alguns quarteirões depois ele encontrou uma igreja com um cartaz dizendo: IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS. “Curamos qualquer coisa ou você não terá o seu dinheiro de volta.”

Quando lá chegaram, o porteiro pediu-lhes um pequeno dízimo e o pequeno João deu-lhe o dinheiro que tinha tirado a um miúdo cego e foram através de uma grande porta negra e chegaram a um pequeno minúsculo corredor com milhares de pessoas em fila para se queixarem de tudo.

No fim do corredor estava uma pequena janela. O pequeno João deixou a grande velha (que entretanto tinha morrido de uma doença mental) e foi espreitar o que se estava passando no outro lado. Colocou sua cabeça junto do vidro e escutou.

Fiel: Eu estava tendo problemas com álcool. Gastei muito dinheiro. Graças a Deus, fui espancado por alguns padres heréticos e fiquei cego e paraplégico e, por isso, os médicos tiveram que me cortar os braços e as pernas. A partir desse dia, nunca mais toquei ou olhei para o álcool outra

vez.

Pastor Renato: Graças a Deus! E se você contribuir com um pequeno dízimo, em breve você poderá andar de moto!

Fiel: Obrigado, Senhor!

Pastor Renato: Graças a Deus!

Fiel: Graças a Deus!

Pastor Renato: Agora pague o dízimo e ficará curado.

O fiel pede a alguém para colocar a mão no bolso, tirar uma nota de 5000\$00 e entregá-la ao pastor.

Pastor Renato: O que você quer que eu faça com isto?

Fiel: Eu quero que você me cure.

Pastor Renato: Com isto? Eu estava pensando que isto fosse uma gorjeta. Isto não dá para curar tudo. Isto dá para você mexer um dedo.

Fiel: Um dedo? Espere aí.

O outro volta a colocar a mão no bolso e tira a carteira.

Fiel: Tome! Veja lá o que pode fazer.

Pastor Renato: Vamos ver.

O pastor pega na carteira e começa a contar o dinheiro, a ver o saldo bancário.

Pastor Renato: Você tem que me entregar o seu código bancário se quiser ficar curado a 100%.

Fiel: Está bem! É o 1258.

O pastor aponta o código num papel.

Pastor Renato: Você está curado! Pode-se ir embora.

Fiel: Não estou, não!

Pastor Renato: Está sim!

Fiel: Não estou não!

Pastor Renato: Está sim. É melhor pensar que está. Lembre-se você não terá o seu dinheiro de volta.

Fiel: Não?

Pastor Renato: É o que o cartaz lá fora diz.

O fiel pensa por um segundo.

Fiel: Estou curado!

Pastor Renato: Está sim!

Fiel: Eu consigo ver!

Pastor Renato: Consegue, sim!

Fiel: Graças a Deus!

Pastor Renato: Graças a Deus!

Fiel: Eu consigo andar!

Pastor Renato: Consegue, sim!

Aí, o fiel tentou se mexer e caiu da cadeira; partiu o pescoço e morreu imediatamente. Aí, então, O pastor e outros padres juntaram-se à volta do cadáver fresco e começaram a comê-lo.

O pequeno João afastou-se com náuseas e correu até um balde com água de lavar os pés, a sagrada água pezida e vomitou lá para dentro. Depois saiu a correr da igreja e foi dormir um pouco.

FIM

Versão original: Lord F. Ullman C. Koko

Versão mal traduzida: Humberto Ricardo

O PEQUENO JOÃO E O RAPAZ DO QUISTO

Num belo dia de Verão, o pequeno João estava passeando pela cidade quando se lembrou de ir a um Supermercado³¹. Porque ele queria... Porque ele queria... ser filmado e seleccionado para apresentar um programa televisivo de música portuguesa. É! É isso mesmo!³² É sim!³³ Está bem! Eu sou o autor e eu quero que ele vá ao Supermercado!³⁴ Para comprar qualquer coisa! Eu é que estou a contar a história! Não és tu!³⁵

Bom, continuando... Aí o pequeno João foi até ao Supermercado mais próximo. Quando entrou lá dentro, o pequeno João disse:

– Puxa vida! Isso aqui é mesmo grande! Tou maravilhado!

Aí, o pequeno João foi caminhando pelas várias secções à procura de uma câmara, perdão, à procura de algo para comprar.³⁶ Enganei-me!³⁷

Bom, o pequeno João estava à procura de qualquer coisa para comprar. Foi então que apareceu uma figura mui-

³¹ Porquê? Tens que dizer porquê. (N. A.)

³² Mas isso não é razão. (N. A.)

³³ Não é! Eles não fazem *castings* nos supermercados! (N. A.)

³⁴ Para quê? (N. A.)

³⁵ Mal-agradecido! (N. A.)

³⁶ Tinhas que insistir na história dos *castings*! (N. A.)

³⁷ Desta vez passa! Mas eu estou-te a ler! (N. A.)

to estranha. Estava toda vestida de preto, à exceção da camisola interior que era branca. O seu sorriso imaculado fazia lembrar um vendedor de carros usados ou um astrólogo.³⁸ Na verdade, era um vendedor de carros usados que era astrólogo nas horas vagas.³⁹

Obrigado. Aí, ele estendeu o braço direito em sinal de cumprimento e disse:

– Olá! Eu sou o rapaz do quisto e tenho um quisto!

O pequeno João sentiu uma certa inquietação, mas retribuiu o gesto e cumprimentou-o.

– Eu sou o pequeno João.

– Os médicos dizem que a operação para remover o quisto será dolorosa e terá de ser feita através do ânus.

O pequeno João sentiu um arrepio percorrer a espinha de cima a baixo⁴⁰. Ou de baixo a cima! És capaz de estar calado?⁴¹

Aí, o pequeno João disse ao rapaz do quisto:

– Pare com isso! Você tá me fazendo impressão!

– A sério?

– Porque você tá me contando isso? Eu não conheço você de lado nenhum!

– É o seguinte, os meus amigos parece que tentam me evitar.

– Eu acho que sei porquê! Se você conta isso a um desconhecido, nem quero imaginar o que conta ao seus amigos! Coitados!

– Pois é...

– Porque você conta isso para todo o mundo?

³⁸ Ou uma coisa ou outra! Decide-te! (N. A.)

³⁹ Assim tá melhor! (N. A.)

⁴⁰ Ou de baixo a cima. (N. A.)

⁴¹ Só queria ajudar! Para a próxima não digo nada! (N. A.)

– Sei lá! Acho que é para as pessoas terem pena de mim.

– Eu acho que as pessoas têm pena, sim! Mas não da maneira que você pensa!

– Hum!

– Então, o que o traz aqui?

– Bom, eu estive a fazer uma introspecção pessoal e conclui que o meu grande problema é não ter uma personalidade definida. Sou uma pessoa modelada pelas exigências sociais e comportamentais dos outros.

– Isso é óbvio! E daí?

– Daí que eu resolvi vir aqui e tentar comprar uma personalidade.

– Legal! Boa ideia! Se importa que eu vá com você?

– Não! Á vontade! Podes vir comigo! A partir de agora somos amigos!

O pequeno João recuou para trás assustado.

– Isso não! Amigos não! Conhecidos, talvez! Desconhecidos, sim!

– Mas nós não somos desconhecidos!

– Porque não?

– Porque somos conhecidos e já nos conhecemos!

– Bom, então somos só conhecidos!

– Tá bem!

– Não somos amigos, somos conhecidos! Porque se formos amigos e não conhecidos, eu vou-me embora já!

– Olha, vens comigo ou não... conhecido?

– Vou!⁴²

Aí, o pequeno João e o rapaz do quisto seguiram para a secção de personalidades. Quando lá chegaram o rapaz do quisto exclamou:

⁴² É só para dizer que ainda estou aqui. (N. A.)

– Uau! Tantas personalidades diferente! Nem sei por onde começar!

– É melhor pedir ajuda a um empregado!

– Tens razão!

Aí, o rapaz do quisto chamou o empregado.

– Diga!

– Eu queria comprar uma personalidade!

– Muito bem! Que tipo de personalidade é que deseja?

– Não sei! Estava à espera que me pudesse ajudar a escolher.

– Bem, vamos fazer o seguinte: eu vou escolher várias personalidades. Vou escolher aquelas que se usam mais e depois você vai dizer se gosta ou não. Está bem assim?

– Sim! Mostre-me lá!

O pequeno João estava observando tudo com ar fascinado.

O empregado pegou em vários frascos e levou-os até ao rapaz do quisto.

– Temos aqui várias personalidades. Eu optei por mostrar no formato líquido, porque é o que está mais à mão. Se quiser pode tomar a sua personalidade também através de comprimidos, injeções ou por inalação. Pode tomar dias, só não se pode esquecer da receita médica!

– Não me esqueci! Tenho aqui!

– Ótimo! Entregue depois na caixa quando for pagar! Bem, cada garrafa contém um líquido diferente. Cada cor corresponde a um tipo de personalidade. A branca é uma personalidade boa. A preta é uma personalidade má. A verde é uma personalidade esperançosa, ou ingénua se preferir. A azul é uma personalidade desastrada, do género “só mete água”. A cor-de-rosa é uma personalidade invertida. A vermelha é uma personalidade violenta. A amarela é uma personalidade covarde. A roxa é uma personalidade doente.

E a transparente é uma personalidade neutra. Qual é que vai querer?

- Estou indeciso entre três.
- Quais são?
- A branca, a preta e a transparente.
- A branca, a preta e a transparente?
- Sim.
- Portanto, posso guardar as outras?
- Pode.

Aí, o empregado foi guardar as outras garrafas e depois perguntou ao rapaz do quisto:

- E agora das três, qual é que escolhe?
- Não posso escolher duas?
- Poder, pode, mas é mais caro. Será que pode pagar a despesa?

- Quanto é que é?
- Dez vezes mais caro. Pode pagar?
- Não.
- Então qual é que vai ser?
- Não sei.

Aí, o rapaz do quisto perguntou ao pequeno João o que ele achava:

- O que é tu achas?⁴³
- Não sei não! Acho que a preta não deve ser.
- Porquê?
- Porque você não é mau. Você é só chato.
- Pois... nesse caso, acho que a branca também não pode ser. Ser chato não é coisa boa, não achas?
- É... tem razão!
- Sendo assim, vou escolher a transparente.

⁴³ Porque é que fizeste a pergunta? Já tinhas feito uma afirmação interrogativa, não era preciso fazeres a pergunta. (N. A.)

– Portanto, é a transparente que o senhor vai levar?

– É.

– Muito bem! Prefere levar a sua personalidade, em injeções, em pó, em líquido, em comprimidos ou em spray?

– Levo mesmo em líquido. Assim sempre posso beber às refeições.

– Certo. Mas tenha cuidado. Não pode tomar esse tipo de personalidade com alimentos muito gordurosos.

– Certo! Bom, sendo assim, vou levar esta!

Aí, o rapaz do quisto pegou na garrafa com a sua nova personalidade. Depois, o rapaz do quisto e o pequeno João saíram do Supermercado. Então, o rapaz do quisto disse:

– Bolas! Esqueci-me de comprar uma opinião! Tenho que voltar lá para dentro! Vens comigo, amigo, perdão, conhecido?

O pequeno João não respondeu. Aí, o rapaz do quisto olhou à sua volta e viu que o pequeno João tinha.

“É estranho! Será que foi tudo um sonho?”

Mas não tinha sido. Na sua mão ainda estava a garrafa com a sua personalidade. A partir nunca mais seria influenciado por ninguém⁴⁴.

FIM

Versão original: Lord F. Ullman C. Koko

Versão mal traduzida: Humberto Ricardo

⁴⁴ É uma piada de mau gosto. Tens que admitir que é verdade. Tanto trabalho e ele fica na mesma. (N. A.)

O PEQUENO JOÃO NO PROGRAMA DA FÁTIMA LOPEZ

Num belo dia de Verão, o pequeno João estava vendo televisão através da vitrina de uma loja de televisões. Aí, o locutor disse:

– Tema para amanhã: “Sou pequeno e chamo-me João.”

Aí, o pequeno João suspirou:

– Que pena! Eu gostava tanto de ir à televisão!

Aí, o pequeno João reparou:

– Ei! Espere aí! Eu sou pequeno e chamo-me João! Eu vou a esse programa! Vou sim! Vou aparecer na televisão!

Aí, o locutor disse:

– Não perca! De segunda a sexta-feira, Fátima Lopez!

Aí, o pequeno João exclamou:

– Fátima Lopez! É claro! Tinha que ser! Só mesmo um programa tão bacana para ter um tema tão legal como esse! Puxa vida! Que bom!

Então, o pequeno João foi até ao Parque Municipal comer uns pombos⁴⁵ e beber água do chafariz. Depois, o pequeno João aproveitou que estava começando a chover para tomar um bom banho⁴⁶. Depois, o pequeno João foi procurar um canto para dormir e dormiu mesmo.

No dia seguinte, o pequeno João acordou. Depois, o

⁴⁵ Ele tinha que estar bem alimentado. (N. A.)a

⁴⁶ Tudo bem, não era Sábado, mas era uma ocasião ainda mais importante na vida social e humana que o fim-de-semana: o pequeno João ia ao programa da Fátima Lopez. (N. A.)

pequeno João levantou-se e seguiu para o estúdio de televisão. Quando chegou ao estúdio, um cara grande mas um pouco babaca disse ao pequeno João :

– Oiça aqui!

– Aí? Aí não posso!

– Porquê?

– Porque você já tá aí! Se você sair daí, então eu posso ir para aí e ouvir aí o que você tem para me dizer de outro sítio. Senão, vou ter que ouvir aqui o que você disser daí.

– Não é isso! Oiça o que eu tenho para dizer!

– Ah! Já percebi!

O cara pegou numa folha de papel e disse:

– Vou-lhe fazer um inquérito muito intensivo, intenso e intensificado! Está pronto?

– Sim!

Aí, o cara tirou um relógio do bolso e começou a contar o tempo.

– Primeira pergunta, o que é que o traz aqui?

– Eu vim para participar no programa da Fátima Lopez.

– Segunda pergunta, você é testemunhante ou assistente?

– Sou testemunhante.

– Portanto, vem testemunhar. Certo?

– Hã... Sim. Acho que sim.

– Terceira pergunta, sabe qual é o tema?

– Sei.

– Quarta pergunta, qual é o tema?

– Mas eu já disse que sabia.

– Pois, mas tem de responder à pergunta.

– O tema é: “sou pequeno e chamo-me João”.

– Certo. Quinta pergunta, como é que se chama?

– Mas eu já disse!

– Não disse não! Você disse o tema! Como é que se

chama?

– João!

Aí, o cara olhou para o pequeno João de alto a baixo e disse:

– Você sabe que é pequeno, não sabe?

– Claro que sei! Se eu não soubesse que era pequeno não tinha vindo aqui!

– Muito bem! Pode entrar por aquela porta branca!

Aí, o pequeno João entrou pela porta branca e viu-se⁴⁷ no estúdio do programa da Fátima Lopez. Um montão de luzes brilhantes iluminava o estúdio. O programa estava prestes a entrar no ar. Aí, a apresentadora chamou o pequeno João:

– O nosso primeiro convidado é o pequeno João! Uma grande salva de palmas para ele!

O público começou aplaudindo à medida que o pequeno João aparece. O pequeno João senta-se numa cadeira de madeira.

– Boa tarde, João! Posso tratá-lo por João?

– Pode.

– É incrível, você é mesmo pequeno!

– Pois, sabe... eu vi o anúncio na televisão e aí eu pensei: “Ei! Eu sou pequeno e chamo-me João! Eu tenho que ir lá!”

– E fez muito bem em vir!

O público aplaude.

– Agora conte-nos a sua história!

– Qual delas?

– Como assim?

⁴⁷ Ele não se viu. Ele imaginou como seria se estivesse a ver o programa pela televisão e visse aparecer alguém igual (ou muito parecido) com ele. (N. A.)

- É que eu tenho muitas histórias para contar!
- Ah, sim? Ótimo!
- O público aplaude.
- Diga-me, que tipo de histórias é que tem para contar?
- Bem, tenho histórias alegres, histórias tristes, histórias horríveis, etc.
- Aí, a apresentadora pensou um pouco e disse:
- Faça assim: conte uma história triste que seja horrível.
- Porque é que tem que ser uma história triste e horrível?
- Porque sim!
- Mas porquê?
- Porque o programa é meu e eu faço o que quiser.
- Tudo bem. Mas eu conheço muitas histórias alegres.
- Não me interessa! As histórias alegres não interessam!
- Tá bom! Eu vou contar uma história triste e horrível.
- Mas antes, queria perguntar uma coisinha.
- Sim?
- Posso inventar uma história?
- Aí, a apresentadora e todo o mundo no estúdio começaram rindo do pequeno João. E o pequeno João imaginou que também todo o mundo que estava a ver o programa da televisão estava se rindo dele! Que vexame! O pequeno João estava muito envergonhado!
- O que foi que eu disse?
- A apresentadora acalma-se e responde:
- Desculpa, mas é a primeira vez que alguém faz essa pergunta!
- E daí?
- Daí, que todas as histórias que são aqui contadas são quase sempre inventadas. Nem todas, mas uma grande

percentagem é inventada.

– E o público não sabe disso?

– Agora já sabe! Não faz mal! Eu transformo isto num concurso que oferece 200 mil contos a quem contar a história mais insólita e eles esquecem-se logo do que eu disse!

– Ah!

– Bom, como eu ia a dizer, quando uma pessoa esquece-se da sua história, temos várias histórias preparadas previamente pela nossa equipa de guionistas e a pessoa escolhe uma.

– Eu não sabia!

– Não faz mal! Bom, então como é que vai ser? Tem alguma história horrível e triste para contar ou prefere que escolhamos uma para si?

– Você disse horrível e triste.

– Sim. E depois?

– Pensava que a história fosse triste e horrível. Se for horrível e triste vou ter que pensar noutra história para contar!

– Mas qual é a diferença?

– É o factor dominante. Você quer tristeza com horror ou quer horror com tristeza?

– Ai! Que dilema! E agora?

Aí, a apresentadora começou se engasgando. O seu corpo estava suando muito. A sua decisão poderia determinar uma ascensão até ao topo da tabela das audiências ou condenar o programa a uma queda vertiginosa num abismo sem fundo⁴⁸.

– O que é que eu faço?

Aí, o público começou vaiando a apresentadora, ati-

⁴⁸ É demasiado poético, não é? (N. A.)

rando tomates e exibindo placas com notas de avaliação negativas:

– Fora! Fora! Ela não sabe o fazer! Arranjem outra apresentadora!

Aí, o pequeno João perguntou:

– E então? O que vai ser?

A apresentadora engoliu em seco e respondeu:

– Conte uma história que tenha tanto horror como tristeza!

Todo o mundo suspirou aliviado, incluindo a apresentadora. Ela tinha feito a escolha certa!

– Bom, sendo assim, eu vou começar. É uma história real! Aconteceu mesmo!

Aí, o público e a apresentadora começaram se rindo.

– Qual é a cena, hein?

– Desculpe!

– Bom, isso aqui aconteceu num dia Verão há algum tempo atrás. Eu levei uma velhota a uma sede de milagres da I.U.R.D. para curar uma doença venerável, perdão, venérea que ela tinha e depois dela pagar o dízimo e morrer de uma doença mental incurável, fui espreitar uma sala onde estavam vários pastores, mais um fiel e o seu criado.

– Portanto, você levou essa senhora a essa sede da I.U.R.D. para tentar curar a doença venérea que ela tinha, depois ela pagou o dízimo e morreu de uma doença mental incurável. Depois, foi espreitar uma sala onde estavam vários pastores, mais um fiel e o seu criado. Foi isso, não foi?

– A senhora não ouviu o que eu disse?

– Ouvi...

– Então porque é que tá repetindo tudo feito papagaio?

– Porque... porque... Não sei, mas também não interessa! Continue, por favor!

– Aí, os pastores pediram todo o dinheiro que o fiel

tinha e o código do cartão de crédito. Depois convenceram o cara que estava curado.

– E estava?

– Claro que não! Mas como eles não faziam devoluções, ele preferiu acreditar que estava curado.

– E depois, o que é que aconteceu?

– Depois, ele tentou se levantar. Aí, ele caiu e partiu o pescoço.

– E depois?

– Depois, os padres e o criado aproximaram-se dele e começaram a comer o cadáver.

– E depois?

– Depois nada. Vomitei para uma tina com água que estava ao pé de mim e fui-me embora!

– E depois?

– Depois o quê? Tenho que contar a história da minha vida? Se tiver que contar, eu conto, mas vai demorar muito.

– Deixe lá. Portanto, você não foi espancado, nem burlado, nem sequer psicologicamente agredido?

– Não. Mas já fiz isso tudo a muita gente!

– Pois, mas isso não interessa.

– Não?

– Não. Nós não queremos histórias de pessoas que fizeram coisas más! Nós queremos as histórias das pessoas que sofreram coisas más! E a única coisa má que lhe aconteceu foi vomitar! E ninguém o obrigou a vomitar!

– Eu vomitei por causa deles!

– Você viu aquilo porque quis! E o auto-sofrimento é algo que nós reprovamos completamente!

– Eu não sabia!

– Não me interessa! Não pode ficar aqui!

Aí, a apresentadora virou-se para outra câmara.

– Não saia do seu lugar! Voltamos depois do intervalo!

Depois, a apresentadora fez sinal e surgiram dois caras enormes que levaram o pequeno João para fora do estúdio. Uma vez lá fora, o pequeno João pensou:

“Bom, pelo menos fui ao programa da Fátima Lopez e apareci na televisão!”

Infelizmente, o pequeno João não sabia que aquele programa não estava a ser transmitido em directo e que a sua pequena participação nunca iria ser transmitida. Mas ele não sabia disso, nem nunca iria saber!

FIM

Versão original: Lord F. Ullman C. Koko

Versão mal traduzida: Humberto Ricardo

O PEQUENO JOÃO E A PEQUENA RAPARIGA DO STRESS

Num belo dia de Verão, o pequeno João estava passeando pela cidade quando viu uma pequena rapariga com ar muito nervoso.

O pequeno João se aproximou dela e perguntou:

– Cê tá bem?

Ela olhou para ele e disse:

– Ó pá! Ó pá! Ó pá! Ó pá! Ó pá! Ó pá! Eu não tou nervosa! Ó pá! Ó pá! Ó pá! Eu não 'tou nervosa!

– Mas eu só perguntei...

– Ó pá! Ó pá! Ó pá! Não 'tou! Não 'tou! Não 'tou!

Aí, o pequeno João ficou assustado. Aquela pequena rapariga estava libertando vapor através dos poros.

O pequeno João ficou sem saber o que fazer.

– O que se passa com você?

Aí, a pequena rapariga começou aos saltinhos.

– Ó pá! Ó pá! Ó pá! Eles dizem que eu sou nervosa. Eles vão ver! Ó pá! Ó pá! Ó pá!

De repente, houve uma explosão luminosa que cegou todo mundo.

Quando o pequeno João se recuperou, olhou para a pequena rapariga e ficou espantado. A pequena rapariga tinha-se transformado completamente.

Estava com uma roupa diferente e um chapéu na cabeça. Tanto na roupa, como no chapéu estava um símbolo com as letras "RS".

O pequeno João perguntou-lhe:

– Cê tá bem?

A pequena rapariga sorriu.

– Agora sim! Agora o mundo vai conhecer a... Rapariga do Stress.

– O quê?!

– Sim. Se eu não consigo ser como os outros, então vão todos ser como eu. O meu chapéu emite vibrações nervosas que não vão deixar ninguém se acalmar. O vírus do stress vai-se espalhar pela atmosfera e contaminar todos aqueles que o respirem.

– Em quanto tempo?

– Já estás a respirá-lo.

O pequeno João ficou com medo. Alguém tinha que fazer alguma coisa. Ele não queria ficar com stress. Mas quem?

– Não! Não! Ó pá! Ó pá! Ó pá! Não! Não!

E então, o pequeno João reparou: ele já estava afectado pelo vírus do stress. Assim como todo o mundo. O stress estava em todo o lado. Não havia nada a fazer. A não ser que...

Aí, o pequeno João se lembrou:

– O chapéu! É isso! Vou-lhe tirar o chapéu!

O pequeno João tirou o chapéu da Rapariga do Stress e esta, aparentemente, começou se acalmando.

Quando de repente...

– Ó pá! Ó pá! Ó pá! Ó pá! Ó pá! Ó pá! Não me vencestes! Ainda tenho o meu telemóvel do stress. Vou usá-lo contra ti!

A Rapariga do Stress começou carregando nos botões muito depressa.

– Ó pá! Ó pá! Ó pá! Ó pá! Ó pá! Ó pá! Acabaram-se as pilhas! Eu sabia que devia ter comprado pilhas Duracell! Merda de pilhas espanholas!

O pequeno João viu um botão no chapéu do stress e carregou nele. Aí, a Rapariga do Stress foi realmente se acalmando. E todo o mundo foi também se acalmando. Estavam livres do terror do stress.

O pequeno João deitou o chapéu fora e foi-se embora. Quanto à Rapariga do Stress, já estava preparando novas armas para contra-atacar: o chapéu-de-chuva do stress, o cachecol do stress e as luvas do stress.

FIM

Versão original: Lord F. Ullman C. Koko

Versão mal traduzida: Humberto Ricardo

O PEQUENO JOÃO JÁ NÃO É PEQUENO

Num belo dia de Verão, o pequeno João estava passeando por um sítio muito escuro. Seria noite ou seria um eclipse? O pequeno João não sabia. A única coisa que o pequeno João sabia era que aquele sítio cheirava muito mal. Muito mal mesmo! Tinha um fedor insuportável!

Aí, o pequeno João pensou:

“ ... ”

Quer dizer, ele tentou pensar, ele tentou, mas o cheiro era tão mau que não conseguiu.

“Droga!⁴⁹ Cheira mal!

Agora sim! Custou, mas foi! Ele pensou!

Quando se estava preparando para ir embora, o pequeno João sentiu alguém agarrando seu braço. Aí, o pequeno João olhou e viu um cara com uma armadura azul com listras amarelas agarrando o seu braço.

– Qual é? Me larga! Me larga!

– Não! Tu és um espião do conde de Travassos! És inimigo do rei!

– Quem? Eu? Cê tá piradão! Não existem reis hoje em dia!

– Não? O que é que dizes do Emanuel, do D. Duarte? Hã?

O pequeno João não respondeu. Apesar de burro, sabia que era inútil contrariar a vontade do povo. Não lhe fazia diferença o Emanuel e o D. Duarte serem reis, a única coisa

⁴⁹ Isto não é um impropério. Ou melhor, é. Só que não gosto de repetir piadas usadas. (Salvo algumas exceções) (N. A.)

que lhe interessava era sair dali.

– Não acreditas que existam reis hoje em dia, não é?

– É.

– Então? Acreditas ou não?

– Não.

– Então, deixa-me mostrar-te isto.

Aí, o cara da armadura azul com listras amarelas tirou uma fotografia do bolso da sua armadura azul com listras amarelas e entregou-a ao pequeno João.

– E agora? O que é que dizes?

Aí, o pequeno João olhou para o fotografia. Lá tinha uma garota toda pelada.

– Eu não posso ver isso! Eu ainda sou pequeno!

– Hã?

Aí, o cara da armadura azul com listras amarelas olhou para a fotografia e ficou vermelhão que nem um tomate vermelho ou que nem um pimento vermelho ou que nem um extintor vermelho⁵⁰ (ou encarnado ou escarlate) ou que nem qualquer coisa natural ou artificial de cor vermelha ou encarnada ou escarlate.

Então, o cara da armadura azul com listras amarelas guardou aquela fotografia.

– Desculpa, era a minha prima. Era esta que eu te queria mostrar.

Então, o cara da armadura azul com listras amarelas tirou outra fotografia da sua armadura azul com listras amarelas e entregou-a ao pequeno João. O pequeno João olhou para a fotografia e viu um cara bem barbudo, com roupas de cabedal e uma coroa de latão na cabeça.

O pequeno João não conseguiu deixar de notar a

⁵⁰ Até parece que os há noutras cores. (N. A.)

incrível semelhança⁵¹ e perguntou:

– Quem é? Seu tio? Seu pai?

– Não! É o rei!

– Esse cara não tem cara de rei!

– Mas é! É um rei dos tempos modernos!

– Não pode ser! No tempo dos reis não haviam máquinas fotográficas!

– Pois não! As fotografias eram desenhadas à mão. Mas hoje existem máquinas fotográficas e existem também reis!

– Você é biruta! Eu me vou embora!

O pequeno João tentou se ir embora, mas o cara da armadura azul com listras amarelas continuava agarrando o braço do pequeno João.

– Ahá! Não te vais embora assim! Vens comigo!

O pequeno João protestou, barafustou, gritou, esperneou, bracejou até se recusou a ir! Mas o cara da armadura azul com listras amarelas levou-o para um castelo no cimo de uma montanha.

Quando lá chegaram, o cara da armadura azul com listras amarelas e mais dois sujeitos vestidos de negro e máscaras cor-de-laranja colocaram o pequeno João em cima de uma mesa de madeira bem estranha⁵². Então, prenderam os braços e as pernas do pequeno João com umas cordas. O pequeno João não se conseguia mexer! E logo agora que tinha que comichão no nariz!

– Eu não fiz nada! Eu não fiz nada! O que me vão fa-

⁵¹ Embora com algumas diferenças, a começar pelos olhos, nariz, boca, orelhas, a cara em geral e o corpo em geral. Pronto, não haviam semelhanças, mas ele achou que haviam. O que é que eu posso fazer? Ele é a personagem principal! Eu sou um miserável criador! Ajudem-me! (N. A.)

⁵² A mesa é que era estranha, e não a madeira (embora esta fosse proveniente da Amazónia, o que era curioso) (N. A.)

zer?

Aí, um dos caras vestidos de negro com máscara cor-de-laranja disse ao pequeno João, ou melhor, perguntou:

– Já viste “O IRREVERSÍVEL”?

O pequeno João tentou se lembrar e então lembrou-se da cena da violação no bar. O pequeno João ficou apavorado!

– ISSO NÃO! EU NÃO SOU MULHER! VÃO TER COM A PRIMA DELE!

– Hã? O que é que estás a dizer? Eu só perguntei se viste o filme.

– Vi, sim⁵³! Porquê?

– Por nada. É só para saber.

– Ah! Mas ainda não me disseram o que me vão fazer!

– Vamos torturar-te!

– Legal! Quero dizer, droga! SOCORRO! SOCORRO! S.O.P.J.⁵⁴

O pequeno João estava gritando tão alto que os seus captores estavam ficando com uma grande enxaqueca! E embora aquela zona fosse desabitada e não houvesse ninguém para socorrer, decidiram colocar uma mordacha no pequeno João.

– Agora ficas calado!

– Agora vais responder ao que nós te perguntarmos senão...

Então o cara da armadura azul Aí, o cara da armadura azul com listras amarelas carregou num botão e a mesa começou se movendo. O pequeno João estava sentindo os braços e as pernas ficando maiores. Então, o cara da armadura

⁵³ Será que isto é uma contradição? (N. A.)

⁵⁴ Salvem o pequeno João - ou em americano, S.O.L.J (Save Our Little John) (N. A.)

azul com listras amarelas voltou a carregar no botão e a mesa parou.

– Já percebeste?

O pequeno João fez que sim com a cabeça.

– Ótimo! Vocês os dois podem sair! Passem pela caixa à entrada para receber o pagamento.

Os outros dois caras vestidos de negro com máscaras cor-de-laranja saíram da sala. O pequeno João lançou um olhar de dúvida⁵⁵ ao cara da armadura azul com listras amarelas.

– Eram figurantes. Já não fazem parte da história.

Aí, o pequeno João pensou:

“Esse cara é mesmo maluco! Eu não lhe perguntei nada! Quero lá saber que eles fossem figurantes!”

– Bom, vamos lá começar! És um espião do conde de Travassos? Sim ou não?

O pequeno João tentou responder, mas a mordaza não o deixava falar.

– Não respondes? Então aqui vai!

O cara da armadura azul com listras amarelas carregou no botão de novo e a mesa se moveu novamente. O pequeno João sentia os seus braços e as suas pernas esticando cada vez mais. Então, o cara da armadura azul com listras amarelas voltou a carregar no botão e a mesa parou.

– Vou perguntar outra vez! És um espião do conde de

⁵⁵ Ora aqui está uma coisa interessante. Gostava que me explicassem o que é isto: “Lançou um olhar de dúvida”. Quem é que escreve isto? Ninguém escreve assim. Certas pessoas deviam aprender a ler e escrever antes de sequer pensar em escrever. “Lançou um olhar de dúvida” Ha! O que é que se segue? Catapultou uma fala muda? Não sei. Sinceramente não sei o que leva esta gente a escrever. Ainda por cima, coisas completamente desproporcionadas, sem nexos e sem sentido. (N. A.)

Travassos? Sim ou não?

O pequeno João nem sequer tentou responder. Já sabia que o cara da armadura azul com listras amarelas não ia ouvir.⁵⁶ Então o cara da armadura azul com listras amarelas antes de carregar no botão reparou que o pequeno João tinha a mordaca na boca.

– É claro! Assim nunca poderia responder! Figurantes da tanga! Esquecem-se dos adereços em qualquer lado!

Aí, o cara da armadura azul com listras amarelas tirou a mordaca da boca do pequeno João. O pequeno João não tinha reparado ainda, mas já estava ficando sem ar!

– Ufa! Que sufoco! Poxa!

– E agora? Vais dizer a verdade?

– Eu já disse que não sou espião!

– Quando é que disseste isso?

– Agora mesmo!

– E antes disso?

– Na primeira pergunta.

– Eu não ouvi nada.

– Ouviu sim! Só que não percebeu.

– Ah! Não queres responder!

– Se eu disser que não, o que é que você me faz?

– Torturo-te até te matar!

– E se eu disser que sim?

– Mato-te já! O rei ordenou-me que matasse todos os espiões do conde de Travassos!

O pequeno João estava aflito. Não havia hipótese de fugir! Estava preso! Estava encurralado! E pior que tudo, tinha comichão no nariz!

– Agora, prepara-te!

⁵⁶ Melhor dizendo, ele até podia ouvir, mas não valia a pena, pois não se percebia nada. (N. A.)

Foi então que surgiu o velho amigo...

– Amigo não! Conhecido!

Perdão, conhecido do pequeno João – o rapaz do quisto.

– O que você faz aqui?

– Estava à procura dos meus amigos. Eles disseram que estavam aqui.

O cara da armadura azul com listras amarelas estava confuso e ao mesmo tempo furioso.

– Aqui não está ninguém! Rua! Põe-te a andar!

Aí, o rapaz do quisto percebeu que o pequeno João estava preso contra a sua vontade⁵⁷ e tentou libertá-lo.

– O que é que estás a fazer?

O cara da armadura azul com listras amarelas tentou impedir o rapaz do quisto mas este usou o seu poder implacável de persuasão e lançou-o contra o mecanismo da mesa. A mesa começou se mexendo tanto que o pequeno João já nem sentia os braços nem as pernas.

Quando o rapaz do quisto conseguiu parar a mesa o pequeno João tinha mudado completamente. Estava grande! Muito grande! Muito grande mesmo!

Aí, o rapaz do quisto perguntou:

– Estás bem?

– Acho que sim.

– Vamos embora?

Ainda meio tonto, o pequeno João respondeu:

– Vamos.

Quando estavam a sair da sala, o rapaz do quisto olhou para um objecto estranho, cilíndrico, de ferro. Sentiu-se fascinado. Aí, foi ter com a cara da armadura azul com listras amarelas e perguntou:

⁵⁷ É tão inteligente, não é ? (N. A.)

– Aquilo ali é o quê?
– Aquilo? É o “parafuso”.
– E como é que funciona?
– Então... sentamos a vítima, perdão, o paciente em cima e depois... zás... giramos!

– E depois?
– E depois... plogh!
– Plogh?
– Plogh!

O rapaz do quisto sorriu:

– É mesmo o que eu preciso para o meu quisto, não achas?

Aí, o rapaz do quisto virou-se para trás para perguntar ao pequeno João o que já tinha perguntado quando estava virado para frente. Mas como era hábito, o pequeno João já tinha fugido sem deixar rasto.

Cá fora, a correr, o pequeno João pensava:

“Quero lá saber do quisto dele! Eles que se aturem! Fazem um bom par!”

Continuou correndo, mas uma preocupação assaltava a sua mente.

“O que faço agora? Estou completamente diferente! Já não posso ser mais o pequeno João! O que é que eu faço?”

Aí, o pequeno João parou de correr. Pensou um pouco e descobriu a solução.

– Se sou grande agora, se já não sou pequeno e se as pessoas me conhecem por pequeno João... então, a partir de hoje serei o pequeno grande João!

FIM

Versão original: Lord F. Ullman C. Koko
Versão mal traduzida: Humberto Ricardo

NOVA ÉPOCA

AS AVENTURAS DO PEQUENO GRANDE JOÃO

Num belo dia de Verão, o pequeno grande João estava sentado vendo o tempo a passar⁵⁸. Aí, o pequeno grande João ouviu uma música bem alta⁵⁹. Era um circo que estava chegando! Mas não era um circo qualquer – era o circo “Tché!”!

Aí, o pequeno grande João resolveu ir espreitar e ver⁶⁰ o que se passava no meio daquele ambiente tão insólito e animalmente inóspito⁶¹. No meio das jaulas⁶² quase cheias de animais estavam presos leões, tigres, ursos, elefantes, girafas, etc. Os animais estavam tristes e desolados, reduzidos à sua pobre e miserável existência.

O pequeno grande João não estava gostando daquilo! Ele podia ser chato, burro, insensível e outros disfermismos, mas era também o maior amigo dos animais (fossem selvagens ou domésticos) e não gostava de os animais serem usados como brinquedos ou como máquinas de fazer dinheiro. Aquilo não podia ficar assim! Não podia não! O pequeno

⁵⁸ Como é que ele consegue fazer estas coisas? Não percebo! (**D. A.**) (*dúvida do Autor*)

⁵⁹ Não percebo nada de música, notas ou pautas, por isso não vou colocar o ritmo. Até mesmo porque não seria possível ouvir. (**E. A.**) (*Esclarecimento do Autor*)

⁶⁰ Esta redundância era desnecessária, não era? (**P. A.**) (*Pergunta do Autor*)

⁶¹ Hostil (**A. L. A.**) (*Antecipação Literária do Autor*)

⁶² Ou melhor, no total da sua área interior. (**N. A.**)

grande João tinha que fazer qualquer coisa!

Aí, o pequeno grande João pensou:

“O espectáculo de abertura é só logo à noite. Eles vão ter uma surpresa! Ai se vão!”

Aí, o pequeno grande João foi descansar, ou seja, reunir forças para poder empreender à noite o plano que tinha em mente.

À noite...

A tenda estava bem armada⁶³ e cheia. Apesar de tudo, o pequeno grande João tinha que admitir: o circo “Tché!” era um espectáculo consagrado a nível mundial e era detentor da maior envergadura⁶⁴ circense jamais vista.

O espectáculo estava prestes a começar. O momento decisivo estava quase a chegar.

O apresentador estava no meio da pista anunciando as várias atracções.

– Senhoras e senhores! Sejam bem-vindos ao maior espectáculo do mundo! Temos os melhores palhaços! Temos os melhores acrobatas! E temos os melhores domadores!

Aí, entraram todos os artistas. Primeiros os palhaços, depois os acrobatas, e depois os domadores, seguidos dos animais.

O público estava contente! O pequeno grande João também! Mas não era por causa do espectáculo, não! Era

⁶³ Quer dizer... (**E. I. A. A. D. S. A. D. E.**) (*Expressão de indignação do autor apesar dele ser o autor destes escrevinhamentos*)

⁶⁴ Depois queixam-se. Com palavras destas, quem é que pode evitar falar nisto? Já repararam na forte componente desta palavra? Não? Então reparem: en_verga_dura. E agora? É terrível, não é? (**N. E. A.**) (*Nota de Esclarecimento do Autor*)

por causa do que ia acontecer.

Estavam cinco elefantes bem no centro da pista. Se alguma coisa os pusesse nervosos o espetáculo iria terminar. Aí, o pequeno grande João sorriu e pensou:

“É agora!”

Aí, o pequeno grande João saiu do seu esconderijo debaixo das bancadas e correu para o centro da pista. Ele estava com a cara pintada e como agora era grande, todo o mundo pensou que ele fosse um palhaço. Aí, o pequeno grande João saltou para cima de um dos elefantes e tirou um frasco de vidro do bolso das calças. Aí, o pequeno grande João abriu o frasco e espalhou-o sobre os elefantes. Aí, os elefantes começaram aos saltos! Eram formigas! Muitas formigas!

Mas o pequeno grande João ainda não tinha terminado. No bolso do seu casaco tirou cinco pequenos ratos e colocou-os no meio da pista.

Aí, os elefantes ficaram apavorados e começaram destruindo tudo. A tenda estava começando a cair. O público já tinha ido embora e os domadores tentavam acalmar os animais que entretanto estavam começando a fugir.

O apresentador estava furioso e resolveu dar uma surra no pequeno grande João. Mas antes que pudesse fazer isso, o pequeno grande João saltou para as costas de um dos elefantes e partiu com a bicharada em busca de novas aventuras.

FIM

Versão original: Lord F. Ullman C. Koko

Versão mal traduzida: Humberto Ricardo

O PEQUENO GRANDE JOÃO E O MENINO TOINECAS

Num belo dia Verão, o pequeno grande João estava passeando pelas ruas da sua cidade quando, de repente. Não podia ser! Não podia ser! Não podia ser, mas era! Não podia ser, mas era! Era o menino Toinecas! Era o menino Toinecas! Porque é que estou a repetir tudo? Porque é que estou a repetir tudo? Eco! Eco!

Dêem-me licença só por um momento, sim? Vou-me afastar um pouco⁶⁵.

O. K. Podemos continuar.

Era o menino Toinecas! O famoso menino Toinecas!⁶⁶

Aí, o pequeno grande João resolveu ir tem com e bater um papo.

– Oi! Você é o menino Toinecas, não é?

– Sim, sou eu! Ainda...

– Que legal! Como é que você vai? Tá tudo na maior?

– Mais ou menos. Estou quase a acabar a pré-primária.

– A pré-primária? Mas eu pensava que você estivesse já na universidade com esse tamanho! Você é mentalmente retardado?

⁶⁵ O narrador estava à beira de um abismo. Ilusório é certo, mas uma queda psicológica pode ser pior que uma queda física (N. A.)

⁶⁶ Quer dizer, acho que com um corpo daqueles já não tem idade para ser menino. A não ser que seja mentalmente retardado. (N. A.)

– Não. Eu vim de África e não arranjei equivalência ao 12º. Eu na televisão finjo que estou na 4ª classe, mas é só para corresponder minimamente à idade da personagem.

– Nesse caso, porque é que não meteram uma criança fazendo o papel de uma criança?

– Não iria resultar. Uma criança é muito jovem e inexperiente para fazer papel de criança.

– Tem razão!

– Olha, eu vou para a escola agora. Se quiseres podes vir também.

O pequeno grande João disse que podia ser.

– Pode ser!⁶⁷

E assim foi. O pequeno grande João e o menino Toinecas foram para a escola.

Quando lá chegaram, entraram na única sala que tinha a porta fechada⁶⁸.

Lá dentro estava um velho sentado na sua cadeira de madeira com a secretária em frente⁶⁹. O pequeno grande João achou estranho o velho estar falando sozinho.

Aí, o menino Toinecas disse:

– Bom dia, senhor professor! Posso entrar?

– Pode sim, menino Toinecas!

Aí, o menino Toinecas e o pequeno grande João entraram na sala. Depois de se sentarem o pequeno grande João resolveu tirar uma dúvida e perguntou ao menino Toinecas:

– Posso lhe fazer uma pergunta?

⁶⁷ Porquê estas repetições? (N. A.)

⁶⁸ Claro que entraram só depois de abrir a porta. Era a única sala que tinha porta. Na verdade era a única sala que havia. Lembrem-se, era uma escola particular. (N. A.)

⁶⁹ Secretária de madeira. (N. A.)

– Podes!

O pequeno grande João já tinha a sua dúvida desfeita, mas havia outra coisa que ele queria perguntar também.

– Porque é que ele não me disse nada?

– Porque ele está habituado a ver um elenco fixo.

– Elenco fixo?

– Sim! Ele era o meu professor na televisão, não vês?

– Vejo sim! Vejo muito bem e sem óculos!

– Depois da série terminar só conseguiu arranjar este emprego.

– E recebe dinheiro por isso?

– Meu não recebe.

– Então é você que recebe?

– Não.

– Continuando. Ele veio dar aulas depois de fazer o papel de professor por vários anos?

– Sim.

– Ah! Por isso é que ele está falando sozinho, não é?

– É! Mas a culpa não é dele. Quando ele começou a dar aulas, o resto dos figurantes que faziam de crianças⁷⁰ também veio para aqui. Só que depois tiveram que se ir embora.

– E foram para onde?

– Eles cresceram⁷¹. Os rapazes foram cumprir o serviço

⁷⁰ As crianças eram representadas por figurantes crianças. Finalmente percebe-se. Para representar o papel de uma criança quieta e calada pode-se colocar uma criança, mas para representar o papel de uma criança a dizer piadas de adulto, tem que ser um adulto senão a criança não soa de forma convincente. (C. A. A. D. R. Q. U.) (Constatação do autor após descobrir resposta a questão universal)

⁷¹ Uma criança que cresce? Será isto normal? (D. A.) (Dúvida do Autor)

militar obrigatório, os que não foram para a prisão por venda de droga.

– E as meninas?

– Também cresceram. Foram para a ilha da Madeira fazer filmes.

– Então, só ficaram vocês os dois?

– Sim. Quem escrevia os diálogos da série punha sempre o professor a mandar os outros calarem-se. Ele habitou-se tanto a essas frases que continua a mandá-los calar, mesmo sem eles estarem cá.

Aí, o professor interrompeu a conversa.

– Menino Toinecas! Menino Toinecas! Estou farto de o chamar! A aula já começou!

– Desculpe, senhor professor! Estava distraído!

– O menino está sempre distraído! Estava no mundo da lua, como é seu hábito!

– Se o senhor professor o diz!

– Olhe, eu é que devia estar no mundo da lua para não ouvir os disparates que o menino diz!

O pequeno grande João estava aborrecido! Que diálogos mais mal construídos! As crianças não falavam assim! Aquilo não era uma criança falando com um adulto. Era um adulto fazendo de criança falando com um adulto fazendo de adulto. Então, depois de o professor dizer a sua última frase⁷² (cômica?) o pequeno grande João ouviu uns risos. O que seria? Resolveu ouvir com mais atenção a conversa aluno–professor e tentar descobrir que negócio era aquele.

– Bom, menino Toinecas, eu vou perguntar só mais uma vez!

⁷² Só para lembrar, a última frase foi: “Olhe, eu é que devia estar no mundo da lua para não ouvir os disparates que o menino diz!” (L. A.) *(Lembrança do Autor)*

– Pode perguntar as vezes que quiser, senhor professor!
– Olhe, menino Toinecas, não queira ser chato!
– Ai não quero, não, senhor professor! A minha irmã diz que os chatos são a pior coisa que pode haver!

Mais uma vez, o pequeno grande João ouviu aqueles risos. Mas desta vez tinha sido menos tempo.

– Não são esses chatos, menino Toinecas! Olhe, eu quero saber qual é o animal que anda em quatro patas e faz ão-ão?

– É o meu irmão!

– O seu irmão? Não, menino Toinecas, é o cão! O cão é que anda em quatro patas e faz ão-ão! Porque é que disse que era o seu irmão?

– Porque quando ele vai para a cama com o namorado até ladra!

Aí, o pequeno grande João voltou a ouvir os risos, ainda menos tempo que os anteriores. Os anteriores tinham sido uma gargalhada. Este tinha sido meia gargalhada.

– Ó menino Toinecas, francamente! Eu é que devia ser um cão para não ter que estar a aturar os seus disparates!

Desta vez, os risos foram enormes e duraram muito tempo. O pequeno grande João já tinha percebido o que era. Era um leitor de riso adaptado para humor tipicamente português! Era por isso que os risos eram maiores quando as piadas não prestavam⁷³! Mas o pequeno grande João ia mudar isso!

A aula estava correndo normalmente bem⁷⁴. Aí, o pequeno grande João levantou-se sem que o menino Toinecas veio e foi procurar o leitor de riso.

⁷³ Está descoberto o mistério! (N. A. A.) (Nota de Alegria do Autor)

⁷⁴ Seca! (N. A.)

Encontrou o leitor de riso em cima de uma mesa vazia⁷⁵ e colocou-o no modo: BOM HUMOR.

Aí, o pequeno grande João voltou a ouvir a conversa professor–aluno. Mas os diálogos eram tão maus que nem o modo bom–humor conseguiu alterar a situação.

Na verdade, o leitor de riso começou entrando em curto–circuito. Foi então, que o pequeno grande João percebeu que nada poderia safar aqueles dois daquele triste destino!

O pequeno grande João estava farto de estar ali. Era inútil. Já tinha feito tudo o que era possível, mas não dava para fazer mais nada! Aqueles dois estavam condenados a dizer piadas sem graça para sempre⁷⁶! Foi até ao enorme quadro negro e escreveu: O PEQUENO GRANDE JOÃO ESTEVE AQUI!

Depois, abriu a janela e foi-se embora pela porta.

FIM

Versão original: Lord F. Ullman C. Koko

Versão mal traduzida: Humberto Ricardo

⁷⁵ Vazia, mas com moléculas no seu interior. (N. A.)

⁷⁶ Ele tentou. (N. A.)

O PEQUENO GRANDE JOÃO CONTRA OS PIRATAS

Num belo dia de Verão, o pequeno grande João estava caminhando junto ao mar quando viu algo no fundo do horizonte. O que seria? Seria um monstro aquático? Seria um monstro submarino? Seria um monstro de águas frias? Seria um monstro de águas quentes? Seria um monstro de águas mornas? Seria um monstro de climas frios? Seria um monstro de climas quentes? Seria um monstro de climas temperados? Etc. e continuando por aí sempre em frente.

Aí, o pequeno grande João ouviu um estrondo e, ao mesmo tempo⁷⁷ que ouviu o estrondo, ouviu algo a cortar o ar⁷⁸ e aí caiu uma bola de ferro bem junto de seus pés.

Aí, o pequeno grande João pegou naquela bola de ferro⁷⁹ e pensou:

“Deve ser um time de futebol aquático praticando!”

Depois disso, o pequeno grande João descansou um

⁷⁷ Na verdade, não foi bem ao mesmo tempo, mas foi quase. É que houve uma distância tão curta entre um som e outro que o seu cérebro não reparou tratarem-se de dois sons distintos e assimilou-os como sendo um único som. (N. A.)

⁷⁸ Neste caso, cortar o ar não significa literalmente cortar o ar com uma tesoura. Podemos sempre usar um x-acto e uma régua, por exemplo. Aliás, para cortar medidas certas de ar, devemos sempre optar por estes dois utensílios. (N. A.)

⁷⁹ Bem, ele tentou pegar na bola, mas ela era tão pesada que deixou-a ficar no chão. (N. A.)

pouco e pensou de novo:

“Eles devem estar precisando dela para o seu treino!”

Descansou mais um pouco e teve o seu terceiro pensamento consecutivo⁸⁰:

“Vou devolvê-la!”

Aí, o pequeno grande João caiu na areia da praia. Estava exausto. Deixou-se adormecer e sonhou com uma maneira de devolver a bola⁸¹. Quando acordou, lembrou-se de uma aldeia que tinha vista há pouco tempo⁸² e resolveu ir até lá para arranjar ajuda para devolver a bola⁸³.

O. K.! Eu confesso!⁸⁴ Adiante... (já me sinto melhor) Quando o pequeno grande João chegou à aldeia, foi levado até à chefe da tribo, a sábia Tinhálics.

Aí, o pequeno grande João disse⁸⁵:

⁸⁰ Um verdadeiro “hat-trick”. Engraçado! um “truque de chapéu”. Enfim, expressões inglesas sem sentido... (N. A.)

⁸¹ Não irei revelar pormenores do seu sonho. Não por ser um sonho erótico (porque não era), mas porque tentarei adaptar o seu sonho à realidade. E porque, se contasse o sonho agora, não faria sentido continuar a escrever a história, nem tão pouco faria sentido continuarem a ler. Aliás, se eu não continuasse a escrever, vocês não poderiam continuar a ler. Uau! É incrível! vocês estão dependentes de mim! (*Nota de alegria do autor quando descobriu que os leitores estavam dependentes da sua vontade*) (N. A. A. Q. D. L. E. D. D. V.)

⁸² Tinha visto a aldeia há três segundos, mas o seu cérebro ainda estava em período de pré-aquecimento. (N. A.)

⁸³ Nesta altura já tinha percebido que era impossível levar a bola a nado. (N. A.)

⁸⁴ Ele não se tinha apercebido de nada. Na verdade, ele tentou levar a bola a nado, mas eu não escrevi essa parte. (Hum... se eu não escrevi, como é que ele desempenhou uma acção sem ela existir? Estarei a detectar sinais de independência?) (N. A.)

⁸⁵ Perdoem a interrupção, mas esqueci-me de dizer que ele arrastou a bola [pela areia (enquanto havia areia) e depois pelo solo de pedra] até à aldeia. (N. A.)

– Tenho aqui esta bola que pertence a um time de futebol aquático e gostava que me ajudassem a devolvê-la.

– Deixas-me ver essa bola?

– Sim. Mas cuidado para não a partir.

A sábia Tinalics não ouviu esta recomendação e fez sinal ao seu ajudante, o colossal Miguelics, para que ele levantasse a bola. Mas ele só conseguiu levantar a bola três segundos. A sua força não era suficiente para aguentar a bola tanto tempo. Aí, a sábia Tinalics chamou a feiticeira da tribo, a sinistra Irinalics.

Então, a feiticeira Irinalics fez uma poção mágica e deu-a ao colossal Miguelics. E aí, ele ergueu a bola do chão sem problemas.

– É uma bola pirata! – exclamou o leproso da tribo, o evitável Gangrenics.

Todos olharam para ele, ou melhor, olharam para onde ele estava, porque ele já se tinha ido embora⁸⁶

Aí, a sábia Tinalics disse:

– Os piratas são nossos inimigos!

(Neste momento, seria indispensável suprantar uma das maiores lacunas do meio lívrico, perdão, literário, colocando uma música muito lenta enquanto a sábia Tinalics fazia o seu discurso. Mas tal não é possível.)

– Há alguns anos atrás, os nossos antepassados combateram os seus antepassados e os resultados ainda são visíveis nos seus descendentes. Por exemplo, o pastor da tribo, o vinicultor Herminilics, teima em ver a encarnação da da sagrada deusa da Pastorícia Sagrada, cujo nome sagrado não podemos mencionar. Existe também o caso da rapariga Flipperics, amante do Conde Realics, que hoje pensa que é

⁸⁶ O evitável Gangrenics é apenas um figurante. (N. A.)

um golfinho estudante de botânica e passa os dias no mar. Percebeste?

O pequeno grande João não tinha percebido nada, mas acenou afirmativamente.

– Vamos até ao barco deles dar-lhes um lição!

Aí, o pequeno grande João pensou:

“Barco? De que barco é que ela está falando? Eles estão num estádio!”

Aí, todos os aldeões saíram da aldeia e dirigiram-se ao barco dos piratas. Todo o mundo estava nas canoas: a sábia Tinhalics, o colossal Miguelics, a sinistra Irinalics, o pastor Herminilics, o evitável Gangrenics⁸⁷, e o conde Realics em cima da rapariga anfíbia Flipperics. Todos se tinham unido em prol de uma causa única: acabar com os piratas de uma vez por todas!

Quando chegaram ao barco dos piratas, os aldeões saltaram lá para dentro e tomaram o barco. Os piratas não estavam à espera deste ataque e foram arrasados pelos aldeões liderados pelo colossal Miguelics. Mas faltava um, e este era o mais perigoso, o seu nome era Pirata Alegria⁸⁸, mas os seus amigos, inimigos, conhecidos e desconhecidos tratavam-no simplesmente por... pirata ou... alegria (conforme o caso).

Quando se viram pela primeira vez, a sábia Tinhalics e o terrível Pirata Alegria ficaram sem palavras. Algum tempo depois, todo o mundo, incluindo o pequeno grande João tinha ensinado palavras suficientes para que aqueles dois

⁸⁷ Para que conste, o evitável Gangrenics era evitado por todos e tinha uma canoa para uma pessoa, tipo comercial. (N. A.)

⁸⁸ Esta curiosa alcunha devia-se aos seus grandes requintes de sadismo. Para que conste, chamavam-lhe alegria, mas ele não era pessoa para brincadeiras. (N. A.)

pudessem falar de novo.

- Não faz sentido continuarmos assim!
- Pois não! Ainda pra mais agora que já sabemos falar!
- Não é isso. Não temos que seguir os erros dos nossos antepassados!

- Não temos, não!
- Diz, Alegria...
- Alegria.
- Não é isso! Diz-me, gostavas de liderar a minha tribo ao meu lado?

- Sim!
- Então, a partir de hoje serás conhecido por Alegria-lics.

Aí, os piratas exclamaram:

- Nós também queremos um nome novo!
- O que é que se diz?
- Hã... se faz favor?
- Tá bom! Pode ser!

Então, todo o mundo pensou em novos nomes para os ex-piratas e depois de fazerem a sua despedida profissional⁸⁹, zarparam rumo ao horizonte para fazer um cruzeiro de comemoração e viveram felizes para sempre até baterem num icebergue e naufragarem e irem parar numa ilha.

FIM

Versão original: Lord F. Ullman C. Koko
Versão mal traduzida: Humberto Ricardo

⁸⁹ Atirando o pequeno grande João ao mar. (N. A.)

O PEQUENO GRANDE JOÃO E O SEU GRANDE PÉ

Num belo dia de Verão o pequeno grande João estava passeando tranquilamente pela cidade quando sentiu uma dor atroz! Uma dor que parecia ser a picada de um mosquito na sola do seu pé.⁹⁰ O pequeno grande João olhou à sua volta com os olhos cheios de lágrimas de dor⁹¹ e estranhou⁹² não haver mais gente se queixando.

O pequeno grande João continuou andando, mas a dor era enorme! A cada passo que dava sentia os seus pés serem agredidos inúmeras vezes.

Aí, o pequeno grande João olhou para os pés das outras pessoas e reparou que as outras pessoas tinham umas coisas estranhas nos pés. O que seriam aquelas coisas? Algumas eram castanhas, outras eram pretas, amarelas. Havia coisas de todas as cores e feitios. Até havia coisas com vários metros de altura.

No meio de todo aquele surrealismo, o pequeno grande João continuava sem saber o que eram aquelas coisas.

Aí, o pequeno grande João perguntou-me o que eram

⁹⁰ Neste caso, não seria nenhum mosquito ou qualquer outro insecto voador, uma vez que se estivesse debaixo do pé seria esmagado. (N. A.)

⁹¹ As lágrimas costumam ser secreções lacrimojantes oriundas dos olhos. (N. A.)

⁹² Estranhou - achou estranho; acto de achar qualquer coisa estranha. Neste caso é quase o mesmo que estranhar qualquer coisa. (N. A.)

aquelas coisas.⁹³

E eu respondi-lhe:

São sapatos.

– Sapatos? E isso serve para quê?

Isso serve para proteger os pés. Repara como as outras pessoas conseguem andar sobre vidro partido sem se aleijarem.

– Eu não tenho sapatos porquê, hein?

Bom, tu nunca pediste...

– Você nunca me disse que eles existiam!

Agora já sabes. Queres ou não?

– Quero!

O.K. Então, vamos fazer assim: eu coloco-te já numa sapataria...

– O que é isso?

É onde se compram sapatos.

– Mas eu vou precisar de dinheiro.

Deixa estar que eu resolvo isso. Não te preocupes. Eu é que escrevo a história, eu é que decido o que é que acontece! Se quiser até posso acabar contigo!

(quebra na acção necessária para o narrador rir-se de maneira vil e cruel)

– Mas você não pode acabar comigo!

Ai não? E porquê?

– Porque eu sou a única maneira de você ser conhecido! Sem mim, você não é nada, nem nunca vai ser!

(Nova quebra acção. Desta vez para o narrador exprimir silenciosamente a sua angústia.)

– E então? Como é?

Está bem! Eu vou pôr-te numa sapataria!

⁹³ Não é preciso pôr a pergunta, pois não? (*Pergunta do autor*) (*P. A.*)

Aí, o pequeno grande João foi parar numa sapataria.⁹⁴

(Neste momento o autor entrou num “vacuum im escreveris”⁹⁵ e não conseguiu pensar em nada para a parte final da história. Pior ainda, não conseguiu pensar em nada para o final da história.

A primeira vontade que teve foi terminar a história com:

“Uma vez dentro da sapataria, o pequeno grande João comprou uns sapatos e foi-se embora.”

Mas em vez disso, resolveu respirar fundo [ou qualquer coisa assim parecida com isso], acalmar-se e pensar com calma⁹⁶ num final em condições.)

Como já perceberam pela nota acima, vou-me ausentar por algumas linhas, o que em tempo real será talvez horas, dias, uma semana no máximo.

Voltei

Aí, o pequeno grande João chamou o empregado e disse:

- Você tem sapatos?
- Claro que sim. Porque é que havia de andar descalço?
- Não é isso. Você tem sapatos aqui na loja?
- Claro!
- Eu queria comprar uns sapatos!
- Você quer comprar uns sapatos?
- Sim.
- É que isto não é uma sapataria, isto é um talho.
- Como?

⁹⁴ Caso não tenham percebido, será a partir deste momento da história que eu irei fazer justiça ao título. (N. A.)

⁹⁵ Esta tem direitos de autor. (N. A.)

⁹⁶ Isto de pensar com calma é consequência do facto de já se ter acalmado previamente. (N. A.)

Acho que me enganei. Esperem um pouco que eu resolvo isto num instante. O pequeno grande João saiu do talho e foi à procura duma sapataria até que compreendeu que nunca poderia usar sapatos, pois tinha os pés muito grandes.

– Não tenho nada!

Tens sim! Tu não sabes, porque não sabes fazer comparações, mas eu sei: os teus pés são grandes! Agora vai dormir, para eu acabar a história!

– Ah... Droga! Tá bom!

Assim o pequeno grande João foi dormir e a história acabou aqui.⁹⁷

FIM

Versão original: Lord F. Ullman C. Koko

Versão mal traduzida: Humberto Ricardo

⁹⁷ Já estava a ficar farto desta história. De qualquer modo, cumpri a minha promessa, quando disse que a segunda parte da história faria jus ao título. Na verdade, até fui mais longe, pois a referência ao título é feita no plural e várias vezes seguidas. (N. A.)

O PEQUENO GRANDE JOÃO ATRAVÉS DOS TEMPOS

PARTE DO PRINCÍPIO A CARROÇA

Num belo dia de Verão, o pequeno grande João estava passeando tranquilamente pelos arredores do seu *habitat* natural quando de repente... À sua frente estava o objecto mais estranho que já tinha visto em toda a sua vida. Aí, o pequeno grande João pensou:

“Que pena esta história não ser em Banda Desenhada! Aí, era só eu olhar para a legenda e sabia logo o que isso aqui era!”

Aí, para facilitar a vida ao pequeno grande João, o autor escreveu: esse objecto é uma carroça.

“Uau! A sério? É mesmo uma carroça?”

É.

“Que legal! Posso andar?”

Não creio que isso seja possível. Faltam os cavalos.

“E depois? Eu quero andar de carroça! Não quero andar de cavalo!”

Mas precisas dos cavalos para puxar a carroça!

“Não sabia! Bom, sendo assim, vou entrar dentro da carroça só para descansar um pouco.”

Aí, o pequeno grande João entrou na carroça. E então, o pequeno grande João ficou espantado com o seu interior⁹⁸ altamente sofisticado, forrado a metal e cheio de botões e

⁹⁸ Interior da carroça, claro. (N. A.)

alavancas e de luzinhas que apagavam e acendiam.

– Uau! Que sítio bacana!

Aí, o pequeno grande João começou carregando em tudo quanto era botão e alavanca. E, então, uma coisa estranha aconteceu. Uma voz vinda do interior da carroça disse:

– BIP! BIP!⁹⁹ Sequência temporal activada! Ano de partida: 2000. VRR! VRR! Ano de chegada: ERRO! ERRO! ERRO! Impossível determinar! VRR! Sequência espaço-temporal activada! Partida dentro de... agora!

Aí, a carroça começou tremendo muito¹⁰⁰ e transformou-se numa lâmpada para poder viajar à velocidade da luz e circular pelo circuito espaço-temporal. E assim partiu o pequeno grande João à aventura através dos tempos.

PARTE DO PRINCÍPIO DO MEIO A DESCOBERTA DO FOGO

Quando a carroça parou, o pequeno grande João estava muito tonto. Aí, o pequeno grande João abriu a porta da carroça e saiu para fora da carroça. Estava numa floresta. Foi andando pela floresta para ver se encontrava alguém. De repente, ouviu um som quase sobrenatural. Era alguém chorando! Alguém estava chorando!

Aí, o pequeno grande João resolveu ir ver o que é que se passava¹⁰¹. Não porque quisesse ajudar, mas simplesmente, porque quem estava chorando estava fazendo uma barulheira dos infernos!¹⁰²

⁹⁹ Perdoem-me pelos direitos de autor. (N. A.)

¹⁰⁰ Por dentro e por fora. (N. A.)

¹⁰¹ É mesmo atencioso, não é? (p. A.) (Pergunta do Autor)

¹⁰² Esqueçam lá a nota anterior. (N. A.)

Alguns minutos depois, o pequeno grande João encontrou o responsável por aquela choradeira. Era um jovem que estava sentado em cima de um tronco¹⁰³. Aí, o pequeno grande João aproximou-se dele e perguntou:

– Porque é que você tá fazendo esse barulhão todo, hein?

Sem dizer nada, o jovem mostrou os braços perante o olhar espantado do pequeno grande João¹⁰⁴. Nas suas extremidades, em vez de estarem as mãos, estavam dois pedaços de sílex!

– Baniram-me da aldeia, porque nasci assim! Nem sequer tenho nome!

– Não tem mal! Se você parar de chorar eu lhe arranjo um nome!

– A sério? A sério que sim?

– Sim.

– Então eu prometo!

– Ótimo! Então, me deixe ver...

Aí, o pequeno grande João começou pensando num nome para aquele estranho rapaz que tinha mãos de sílex.¹⁰⁵

Algum tempo depois...

– Já sei! Você vai se chamar Eduardo Mãos-de-sílex!¹⁰⁶

– Fixe!

Aí, o jovem Eduardo Mãos-de-sílex começou batendo palmas de alegria e acabou provocando um incêndio.

¹⁰³ É evidente que o tronco pertencia a uma árvore que tinha sido deitada abaixo. Desta forma, o tronco encontrava-se paralelo ao chamado “nível do chão”. De outra maneira não podia ser, dado ser impossível ele estar sentado de lado. (N. A.)

¹⁰⁴ O olhar do pequeno grande João só ficou espantado depois dele mostrar os braços. (N. A.)

¹⁰⁵ Querem ver que nem assim ele descobre? (N. A.)

¹⁰⁶ Aleluia! (N. A.)

Aí, todo o mundo da aldeia¹⁰⁷ apareceu e o pequeno grande João e o jovem Eduardo Mãos-de-sílex foram convidados para uma janta. O pequeno grande João estava esfomeado e perguntou:

– Vocês têm *pizza*?

Todo o mundo ficou calado. Até que alguém perguntou:

– Isso é o quê?

– Vocês não sabem?

– Não.

Assim, o pequeno grande João viu-se obrigado a comer uma mistela qualquer¹⁰⁸. E o jovem Eduardo Mãos-de-sílex recebeu o primeiro Prémio Móvel da História por ter descoberto o fogo! Imediatamente após a entrega do prémio, o pequeno grande João foi parar dentro da carroça e partiu mais uma vez através dos tempos.

PARTE DO FIM DO MEIO *DER SELBSTMORD*¹⁰⁹

Quando a carroça parou de novo, o pequeno grande João já não estava tão tonto como da primeira vez. O pequeno grande João tentou ouvir o que se passava fora da carroça. Aí, o pequeno grande João ouviu um barulhão enorme. Aí, o pequeno grande João saiu da carroça e viu através de uma placa¹¹⁰ que estava em Berlim.

¹⁰⁷ Os aldeões. (N. A.)

¹⁰⁸ Ou melhor, ele fingiu que comeu. (N. A.)

¹⁰⁹ O suicídio. (N. A.)

¹¹⁰ Para maior compreensão deste fenómeno, devo dizer que o pequeno grande João não possui visão de raios-x. Na verdade, a placa era transparente e era possível ver através dela. (N. A.)

– Uau! Que legal! Vou fazer um pouco de turismo!

O pequeno grande João estava começando a turistar¹¹¹ quando apareceu um jipe cheio de soldados. Aí, o pequeno¹¹² grande João foi colocado no jipe e levado até ao grande chefe ariano – Hitler!

“Legal! Vou ver de novo esse babaca!”¹¹³

Quando chegou ao Quartel, o pequeno grande João dirigiu-se até ao *grande* Hitler para o cumprimentar. Mas quando o *grande* Hitler viu e reconheceu o pequeno grande João, apercebeu-se que tinha sido ele o responsável pelo início da sua queda do poder. Aí, o *grande* Hitler rendeu-se à evidência e deu um tiro na sua cabeça.

O pequeno grande João ficou parado, sem saber o que fazer. Os soldados começaram se aproximando do pequeno grande João, mas antes que pudessem agarrá-lo, o pequeno grande João desapareceu no ar sem deixar rasto¹¹⁴.

PARTE DO FIM O CRIME DO OSVALDO

Quando a carroça parou, o pequeno grande João ouviu uma música de festa vindo do exterior. Desta vez o pequeno grande João resolveu sair logo da carroça e ver o que era

¹¹¹ Fazer turismo. (N. A.)

¹¹² Querem ver que nem assim ele descobre? (N. A.)

¹¹³ Para os que não estão a perceber, é importante que leiam esta nota. O primeiro encontro entre a personagem principal e o Hitler aconteceu no passado. Mas foi com um pequeno grande João do futuro. Deste modo, não faço a mínima ideia como é que ele se pode lembrar de uma coisa que só irá fazer no futuro... passado. É verdade que podia simplesmente trocar as histórias, mas isso tornaria esta nota redundante e isso eu não quero. (N. A.)

¹¹⁴ É claro que ele foi parar dentro da carroça. (N. A.)

aquilo.

Aí, o pequeno grande João saiu da carroça e viu que estava no cimo de um prédio. Aí, o pequeno grande João olhou para baixo e viu uma multidão enorme acenando para um cara que vinha de limusina. Aí, o pequeno grande João pensou:

“Deve ser alguém importante!”

Aí, o pequeno grande João reparou num pormenor: aquele homem tinha um trapo na limusina igual ao uniforme dos gladiadores americanos! Mas ele não podia ser um deles! Aquele homem não tinha o físico necessário para ser um gladiador americano! Ele devia ser o presidente da Associação!

Muito contente com a sua descoberta, o pequeno grande João resolveu ir ter com o presidente da Associação de Gladiadores Americanos e pedir um autógrafo.

Então, o pequeno grande João reparou numa coisa estranha. No andar de baixo, estava um cara escondido numa varanda apontando um cano para o presidente da Associação de Gladiadores Americanos. Aí, o pequeno grande João pensou:

“Deve ser um técnico da T.V.! Vou falar com ele!”

Aí, o pequeno grande João desceu pela escada de ferro usada para fugir para o telhado em caso de incêndio¹¹⁵ e saltou para a varanda. O cara estava apontando aquele objecto estranho lá para baixo. Aí, o pequeno grande João chegou-se ao pé dele e deu-lhe um tapa nas costas.

– Oi cara! Tudo bem?

Aí, aconteceu tudo demasiado depressa para que o pequeno grande João pudesse perceber o que se passava. Mas foi mais ou

¹¹⁵ Para os que não sabem, a finalidade desta “fuga para o telhado” é ter duas hipóteses de escolha: ou se morre queimado ou se morre ao saltar. (N. A.)

menos assim _ início da descrição: «Quando o pequeno grande João deu o tapa, ouviu-se um barulho lá de baixo e as pessoas começaram gritando. Ao mesmo tempo, o cara caiu da varanda e ficou desfeito no passeio.» fim da descrição.

– Que sujeito mais mal-educado! Foi-se embora e nem sequer me respondeu!

Aí, o pequeno grande João pegou na carteira do cara que tinha caído do seu bolso¹¹⁶ e tentou descobrir quem era. Aí, o pequeno grande João descobriu que aquele cara se chamava – Osvaldo!

– Coitado! Teve vergonha de me dizer o seu nome!

Nesse mesmo instante, o pequeno grande João foi parar novamente ao interior da carroça e viagem começou de novo. Quando a carroça parou, o pequeno grande João saiu para fora sem se preocupar com o que poderia encontrar. Aí, o pequeno grande João teve uma agradável surpresa: estava de volta ao seu tempo!

“Oba! Que legal! Estou de volta!”

Aí, a carroça (que ainda estava no formato lâmpada) fundiu-se. Então, o pequeno grande João afastou-se da carroça e foi-se embora.

FIM

Versão original: Lord F. Ullman C. Koko

Versão mal traduzida: Humberto Ricardo

¹¹⁶ Esta frase merece uma explicação, ou melhor, uma reformulação: o pequeno grande João pegou na carteira do cara que estava na varanda. A carteira tinha caído do bolso desse cara sem que ele reparasse. De qualquer modo, não faria muita diferença se ele notasse, uma vez que estava a cair! (N. A.)

O PEQUENO GRANDE JOÃO EM TREBLINKA

Num belo dia de Verão, o pequeno grande João chegou a um local muito estranho. Era um sítio frio e cinzento e as pessoas andavam cheias de roupa. O pequeno grande João com a sua indumentária¹¹⁷ de Verão estava com muito frio e resolveu procurar um sítio quente para se aquecer.

Depois de procurar, o pequeno grande João entrou num museu. A placa à entrada dizia¹¹⁸: MUSEU DE TREBLINKA. A placa ao lado dizia¹¹⁹: HOMENAGEM AOS 750 MIL MORTOS DO CAMPO DE CONCENTRAÇÃO DE TREBLINKA.¹²⁰

Aí, o pequeno grande João sentiu uma sensação¹²¹ estranha. Aquele sítio tinha uma presença humana fora do comum. O pequeno grande João estava se sentindo inferior. Aí, o pequeno grande João decidiu caminhar pelo Museu. Por todo o lado estavam pendurados quadros de pessoas

¹¹⁷ Roupa. (*Nota Óbvia do Autor*) (N. O. A.)

¹¹⁸ A placa não possuía o dom da fala, mas os caracteres gravados na sua superfície transmitiam a mensagem referida. (*Mais Uma nota Óbvia do Autor*) (M. U. N. O. A.)

¹¹⁹ Esta placa, tal como a anterior, também não falava. (*Outra Nota Óbvia do autor*) (O. N. O. A.)

¹²⁰ Informação adquirida através do atlas geográfico duma editora que não irei mencionar. (N. A.)

¹²¹ Esta é engraçada. É quase a mesma coisa que “pensar um pensamento”, “ver uma visão” ou “cheirar um cheiro”. (N. A.)

mortas¹²² que tinham estado em Treblinka.

O pequeno grande João finalmente percebera que sítio era aquele e quem eram aquelas pessoas. Elas não mereciam ser incomodadas por ele. Eles não mereciam ser homenageadas. Elas mereciam ser lembradas e tomadas como exemplo para que situações como aquela nunca mais acontecessem. Aí, o pequeno grande João ficou muito zangado e, sem saber porquê, gritou:

– Maldito Hitler!

(Mas aí, o pequeno grande João se apercebeu que não sabia porque tinha gritado.¹²³

– E isso aí é porquê?

O quê?

– Porque é que eu não sei porque gritei?

Lembras-te quando fizeste aquela viagem na carroça?

– Lembro.

Lembras-te daquele tipo baixinho de bigode que en-contraste?

– Lembro. Eu conhecia aquele cara, mas não sabia donde.

Pois. Bem, é assim... Tu vais conhecê-lo daqui a uns tempos. Por isso não te preocupes, tá?

– Tá bom!()

Quando acabou de gritar, o pequeno grande João calou-se.¹²⁴ Ai, o pequeno grande João ouviu um barulho vindo da sala ao lado. O pequeno grande João foi até lá e viu uns tipos a tirarem umas jóias dum expositor. Aí, o pequeno

¹²² Segundo informações divulgadas pelo INE, uma em cada uma das 750 mil vítimas mortais de Treblinka, sofreu de morte permanente. (N. A.)

¹²³ Como eu já tinha dito. (N. A.)

¹²⁴ Uau! Mas que sequência lógica de acções. O final dum som seguido de silêncio! Great! (N. A.)

grande João gritou:¹²⁵

– Posso?

Sim, sim.

(continuando)

– O que vocês estão fazendo aqui?

Aí, os tipos assustaram-se¹²⁶ e começaram correndo atrás do pequeno grande João. E aí, o pequeno grande João, assustado com isso, começou correndo à frente deles. Os... cinco estavam correndo pelo museu quando uma força misteriosa¹²⁷ acabou com tudo. O.K. Só para simplificar:

Essa força colocou os tipos inconscientes e os transferiu para um banheiro no presídio e fez as jóias voltarem ao seu lugar. Quanto ao pequeno grande João foi parar fora do museu (sem saber como) com um fio no pescoço que tinha uma placa¹²⁸ “Aquele que é lembrado, vive para sempre..”

Aí, o pequeno grande João resolveu ir dar um passeio e foi-se embora.

FIM

Versão original: Lord F. Ullman C. Koko

Versão mal traduzida: Humberto Ricardo

¹²⁵ Desta vez, ele sabia porque é que estava a gritar. (N. A.)

¹²⁶ Esta informação foi deduzida por estarem de costas e de terem saltado (um para trás, outro para a frente, outra para a esquerda e outro para a direita – eram quatro, feitas as contas) quando o pequeno grande João gritou. (N. A.)

¹²⁷ Aqui será simplesmente chamada de *fmdevmecct* (força misteriosa derivada dos espíritos das vítimas mortais do ex-campo de concentração de Treblinka) (N. A.)

¹²⁸ O fio é que tinha a placa, não era o pescoço. (N. A.)

O PEQUENO GRANDE JOÃO NO CAIS DO SODRÉ

Num belo dia de Verão... Não. Não pode ser dia¹²⁹.

Não. Pode ser Verão¹³⁰.

É.¹³¹

Porque esta história passa-se no Cais do Sodré.¹³²

E qualquer história interessante que aconteça no Cais do Sodré só pode acontecer à noite.¹³³

Não me interessa!

Olha, já perdemos muito tempo. Já estou há não sei quantas linhas para dizer onde é que está o pequeno grande João e o que é que ele está a fazer. Daqui nada vou ter que alterar o texto todo. Aliás, já vou ter que alterar o princípio da história porque ele já não está onde devia estar¹³⁴. Vou!¹³⁵
Não.¹³⁶ Não.¹³⁷

¹²⁹ Não pode ser dia? Já agora, vais escrever que não pode ser verão também? **(I. A.) (Indignação do Autor)**

¹³⁰ Ah! Pode ser verão, mas não pode ser dia! É isso? **(P. A.) (Pergunta do autor)**

¹³¹ Mas porquê? **(P. A.) (Pergunta do Autor)**

¹³² E? **(P. A.) (Pergunta do Autor)**

¹³³ Nem tanto. Lembro-me de um caso em que...

¹³⁴ Vais alterar o princípio da história? **(P. A.) (Pergunta do Autor)**

¹³⁵ Mas não escreveste já o princípio da história? **(P. A.) (Pergunta do Autor)**

¹³⁶ Não? Então aquela conversa do princípio não fazia parte da história? **(P. A.) (Pergunta do Autor)**

¹³⁷ Não? Então era o quê? **(P. A.) (Pergunta do Autor)**

Era só para ocupar espaço. Quem está a escrever está com falta de imaginação e então inventa estes estratagemas para ocupar mais espaço na folha e reduz a verdadeira narrativa a dois ou três parágrafos.

Adiante...

O pequeno grande João estava passeando pelo Cais do Sodré. Era um sítio bastante sinistro (ainda por cima à noite!), mas o pequeno grande João já era bem crescido¹³⁸.

O pequeno grande João estava observando as garotas do Colégio tentando ganhar uma boa grana fácil. Infelizmente, o pequeno grande João ainda não compreendia bem o complicado sistema de fazer dinheiro que as pessoas tinham. Ele não precisava do dinheiro. Bastava-lhe ter comida e um sítio para dormir.

Aí, um cara mal-encarado diz para o pequeno grande João:

– Esta zona é minha! Baza daqui!

Aí, o pequeno grande João pensou:

“Esta zona é dele?”¹³⁹

(Esqueçam o pensamento anterior.)

“Deve ser o dono deste terreno. Esse cara deve ser muito rico!”

(O mesmo é válido para este)

Aí, o pequeno grande João viu que muitos outros caras estavam saindo das sombras e cercavam-no como se fossem animais famintos!

– Que negócio é esse? Cheguem para trás!

– Esta é a nossa zona!

¹³⁸ Mas era só em tamanho. (N. A.)

¹³⁹ O. K. Este pensamento não foi dele. Fui que coloquei uma ideia minha sob a forma de pensamento do personagem. Se querem saber qual seria o verdadeiro pensamento dele, continuem a ler. (N. A.)

Aí, o pequeno grande João ficou muito assustado e começou fugindo.

NOTA: Estou muito triste. Tinha tantas ideias boas para esta história e esqueci-me de todas. Pensava que estava a brincar com aquela ideia da narrativa ser reduzida a dois parágrafos, mas afinal não andei muito longe da verdade.

Desculpem pelo tempo que fiz vocês perderem ao lerem isto. Tentarei recompensar-vos, perdão, compensar-vos no futuro.

FIM

Versão original: Lord F. Ullman C. Koko

Versão mal traduzida: Humberto Ricardo

O PEQUENO GRANDE JOÃO E A RAPARIGA DO CASACO VERMELHO COM MEDO DE ARANHAS E DE PÃES COM CHOURIÇO COM RECHEIO DE CHOCOLATE DE MENTOL

Num belo dia de Verão, o pequeno grande João estava passeando pelas ruas de Lisboa comendo um delicioso pão de chouriço com recheio de chocolate de mentol.

Ao passar junto de uma jovem rapariga com um casaco vermelho o pequeno grande João reparou que esta fez uma cara muito estranha. Com muita calma (pois a era primeira vez que se encontrava perante aquele ser) o pequeno grande João dirigiu-se à rapariga do casaco vermelho e perguntou:

– Oi! Cê tem horas?

– Ai que nojo! Tira-me isso da frente!

O pequeno grande João ficou sem saber o que fazer. Julgando que a rapariga do casaco vermelho queria um pouco do seu pão com chouriço com recheio de chocolate de mentol e não sabia pedir, ofereceu-lhe um pedaço.

A rapariga do casaco vermelho recusou a oferta do pequeno João. E isso fez o pequeno grande João ficar triste e então ele perguntou à rapariga do casaco vermelho:

– Cê não gosta disso, não?

– Não! Tira-me essa "coisa" da frente!

O pequeno grande João lembrou-se então que a rapariga do casaco vermelho ainda não lhe tinha dito que horas eram. E o pequeno grande João voltou a perguntar:

– Cê tem horas?

– São 17 horas.

– E o que é que uma mocinha como você faz sozinha numa cidade ruim como esta?

E então a rapariga do casaco vermelho disse com ar inteligente:

– As iludências aparudem!

E o pequeno grande João tentou responder algo que soasse de forma igualmente inteligente:

– A foncusão está apenas na sua igaminação.

O pequeno grande João queria saber mais sobre a rapariga do casaco vermelho.

– Cê tem que idade?

A rapariga do casaco vermelho estava mais calma e respondeu:

– Tenho 17 anos.

O pequeno grande João pensou muito tempo e disse:

– Isso quer dizer que você tem menos de 18 anos.

A rapariga do casaco vermelho disse com dificuldade:

– Sim.

– E isso quer dizer que você é menor de idade.

A rapariga do casaco vermelho estava danada.

– Sim.

– E isso quer dizer que ainda não tem direito de voto.

A rapariga do casaco vermelho ficou furibunda e começou espancando o pequeno grande João. O pequeno grande João começou fugindo e rapariga do casaco vermelho foi correndo atrás dele.

O pequeno grande João correu para uma rua escura e conseguiu esconder-se. O pequeno grande João estava cheio

de medo, pois a rapariga do casaco vermelho tinha sofrido uma transformação com o aparecimento da lua cheia e agora estava com o seu uniforme de guerra. Na suas mãos ela trazia uma arma terrível: o Heródoto. Uma arma capaz de destruir a mente de qualquer pessoa.

– Eu sei que estás aí! Aparece!

O pequeno grande João ficou cheio de medo, mas resolveu aparecer quando viu que a rapariga do casaco vermelho estava pronta para usar o lança-Heródotos.

– Estou aqui! Não me faça mal!

– Vais-me pagar! Ninguém me diz que eu não tenho direito de voto, porque eu sei que isso é verdade!

E então a rapariga do casaco vermelho olhou para o ombro do pequeno grande João. O pequeno grande João viu a cara da rapariga do casaco vermelho mudar de cor. O pequeno grande João perguntou:

– O que você tem?

A rapariga do casaco vermelho respondeu tremendo:

– No teu ombro!

O pequeno grande João colocou a mão no ombro e tirou de lá uma enorme aranha com 30 cm de comprimento. O pequeno grande João pensou que o bichinho fosse da rapariga do casaco vermelho e resolveu dar-lho.

Colocou a aranha na palma da mão da rapariga do casaco vermelho. A rapariga do casaco vermelho começou gritando e fugiu. A partir daí, o pequeno grande João nunca mais voltou a ver a misteriosa rapariga do casaco vermelho.

FIM

Versão original: Lord F. Ullman C. Koko

Versão mal traduzida: Humberto Ricardo

O PEQUENO GRANDE JOÃO NO PONTO DE DESENCONTRO

Num belo dia de Verão, o pequeno grande João estava vagueando pela cidade quando apareceu um homem dali, perdão, da lei¹⁴⁰. Aí, o homem da lei disse para o pequeno grande João:

- Não és muito novo para andar na rua a esta hora?
- Não. Eu já sou grande!
- És grande, mas não és grande coisa! Este sítio é muito perigoso.
- Se é perigoso, o que você está fazendo aqui?
- Eu tenho que estar aqui! É o meu dever e os homens da lei cumprem sempre os seus deveres!
- Ah!
- Os teus pais sabem que estás aqui?
- Os meus pais?
- Sim, os teus pais! Não sabes quem são os teus pais?
- Não.¹⁴¹
- Isso é bastante negativo. Mas não te preocupes porque eu vou ajudar-te!
- Ah sim? Como?
- Aí, o homem da lei tirou um papel do bolso.
- Toma este cartão.¹⁴²

¹⁴⁰ Polícia. (N. A.)

¹⁴¹ A história dos pais do pequeno grande João é um mistério que será resolvido no futuro. (N. A.)

¹⁴² Cartolina branca 7x5 (N. A.)

Aí, o homem da lei foi-se embora sem dizer mais nada. Então, o pequeno grande João olhou para o cartão e leu¹⁴³:



NOTA: Antes de continuar a história, devo explicar-vos o porquê desta nota. Esta nota está aqui porque não tinha espaço para colocar a imagem do cartão que está no início da próxima página. O cartão tem as dimensões referidas anteriormente de 7X5. Se tivesse colocado o cartão neste local em vez desta nota iria tapar as notas de rodapé. Poderia eventualmente diminuir as dimensões do cartão, mas se o fizesse não estaria a ser coerente, pois não? Assim, optei por usar esta nota explicativa para ocupar espaço. Obrigado.

Aí, o pequeno grande João exclamou:

– É isso aí! Vou ter com esse cara e encontrar os meus pais! Vou até à televisão!

E assim fez. Mais uma vez o pequeno grande João foi até aos estúdios de televisão. O estúdio do programa do grande Rico Mendez era mesmo ao lado do estúdio do programa da Fátima Lopez! Aí, o pequeno grande João entrou no estúdio e dirigiu-se à recepcionista. Ao lado da

¹⁴³ É claro que ele não sabia ler, mas eu como autor da história posso contornar esse factor. (N. A.)

recepcionista estava um cartaz¹⁴⁴.

NOTA: o cartaz que se segue está representado na escala de 1:10.

PROMOÇÃO DE NATAL
RECEBA DOIS PARENTES
PELO PREÇO DE UM!

– Boa tarde! O que deseja?

– Eu não sei dos meus pais.

– Ah! Perdeu-os, foi? Olhe, os perdidos e achados são ali ao fundo.

– Não é isso! Eu vim aqui para saber quem são os meus pais!

– Ah bom!

Aí, a recepcionista entregou uns papéis ao pequeno grande João.

– Preencha este formulário, se faz favor!

– Eu não sei escrever...

– Não? Bem, não tem importância! Eu preencho... Nome?

– João.

– Apelido?

– Não sei.

– Nome do pai... não interessa... nome da mãe... não interessa... idade?

¹⁴⁴ Ao contrário do cartaz (que tinha as dimensões de 7x5) este cartaz não poderá ser colocado em tamanho real. Mas, para que não fiquem dúvidas, digo-vos que tinha 30x70. (N. A.)

– Não sei.

– Morada.

– Não sei.

– Sexo?

– Nunca experimentei.

– Bom, sr. João...

– Pequeno grande João, por favor!

– Está bem, sr. pequeno grande João! A nossa política de preços é a seguinte: 100 mil contos de entrada inicial, mais... você quer pais... portanto... pais são a... um milhão de contos o par. Mais segurança social paga são um milhão e quinhentos mil contos. Pode pagar a pronto ou a prestações. Vai pagar em dinheiro, cheque, cartão ou tickets de restaurante?

Aí, o pequeno grande João pegou num pedaço de cartão.

– Aceita desse cartão aqui?

– Sim. Olhe, diga-me uma coisa, é a primeira vez que vem cá, não é?

– É.

– Pois. Nós temos um... chamemos-lhe um concurso. É tipo “raspadinha”; o cliente raspa e se ganhar tem direito a 50% de desconto.

– Legal!

Aí, a recepcionista entregou uma raspadinha ao pequeno grande João. Aí, o pequeno grande João raspolu a raspadinha mas...

– Droga!

– Lamento muito! Bem, deixe-me ver esse cartão!

Aí, o pequeno grande João deu o cartão à recepcionista. Era um cartão branco, liso de um lado e áspero do outro. Era um bom cartão!

– Olhe que isto só chega para comprar um parente. Qual é que escolhe?

Aí, o pequeno grande João pensou e disse¹⁴⁵:

– Eu acho que quero a minha mãe.

– Muito bem! Assine aqui ou faça uma cruz ou qualquer coisa.

Aí, o pequeno grande João fez a sua marca pessoal¹⁴⁶.

Aí, a recepcionista disse:

– Acho que está tudo em ordem. Pode entrar por aquela porta para ser preparado.

Aí, a recepcionista apontou para uma porta¹⁴⁷ azul com uma placa branca que dizia¹⁴⁸: BASTIDORES.

Duas horas depois, o pequeno grande João estava no estúdio do programa de gravação perante o incomparável RICO MENDEZ!

– Boa noite, srs. Telespectadores! Bem-vindos a mais um PONTO DE DESENCONTRO!

Aí, o público bateu palmas.

– O nosso concorrente, perdão, convidado de hoje é o sr. ... hã... João! Palmas para ele!

Aí, o público começou aplaudindo, mas o pequeno grande João interrompeu:

– João, não! Pequeno grande João, por favor!

– Muito bem!... Pequeno grande João!

¹⁴⁵ Tão rápido?! (A. A.) (*Admiração do Autor*)

¹⁴⁶ Não estão à espera que eu mostre, pois não? Isto não é BD! Ainda por cima, é uma marca pessoal. Não esperam que eu invada a privacidade de um personagem que eu criei? (N. A.)

¹⁴⁷ Devia ter feito ao contrário. A causa antes do efeito. Mas se eu fizesse tudo bem não havia necessidade de escrever estas notas, pois não? (N. A.)

¹⁴⁸ A placa não falava. Embora algumas pessoas usem placas para comer, aquela servia apenas para ser lida. (N. A.)

O público começou aplaudindo, mas o grande Rico Mendez ficou zangado e mandou-os calar.

– Calem-se!¹⁴⁹ Se eu vos torno a ouvir não sei o que faço!

Aí, um assistente disse:

– Você é apresentador de um programa de televisão.

– Pois sou! Obrigado por me ter dito!

O público parou de bater palmas.

– Diga-me, sr. pequeno grande João, o que é que o traz aqui?

– Eu vim procurar a minha mãe!

– Muito bem!

Aí, o grande Rico Mendez fez sinal ao público para que ele batesse palmas, mas o público ficou quieto.

– Estão à espera do quê?

Aí, um membro do público disse:

– Você disse para ficarmos quietos...

– E agora digo para baterem palmas! Qual é o problema?

Aí, o público começou batendo palmas.

– Sorriam! Muito bem, podem parar! Eu disse que podiam parar!

Aí, o público parou.

– Diga-me, você nunca viu a sua mãe, pois não?

– Não.

– E o seu pai?

– Também não.

– E porque é que não o quer ver?

– Não tenho dinheiro que chegue para pagá-lo.

¹⁴⁹ Só mais uma redundância. Não se nota, pois não? (N. A.)

- E sente-se preparado para ver a sua mãe?
- Não sei.
- Bom, sr. pequeno grande João nós temos uma surpresa para si.
- Jura?
- Sim. Bom, nós tínhamos um vídeo preparado com imagens da sua mãe. É como um último recurso, uma oportunidade de voltar a atrás. A pessoa vê, aprecia e se não gostar pode reaver o dinheiro sem quaisquer complicações. Percebeu?
- Se eu desistir, recebo o dinheiro de volta?
- Sim.
- Mas eu paguei com cartão.
- Então recebe o cartão de volta. Vamos ver?
- Sim!
- Aí, todo o mundo começou vendo imagens de uma garota na praia fazendo *topless*. O grande Rico Mendez ficou muito envergonhado.
- Desculpem! Foi uma falha técnica. Bom... Parece que afinal não vamos poder ver as imagens que eu mencionei.
- Aí, o público ficou triste, mas depois ficou contente novamente pois... a mãe do pequeno grande João estava entrando no estúdio!
- E então, sr. pequeno grande João? O que é que acha?
- Essa aí é que é a minha mãe?
- Sim.
- Parece uma mulher da limpeza!
- Aí, o grande Rico Mendez ficou muito atrapalhado.
- Porque é que diz isso?
- Porque ela está vestida com um uniforme de mulher da limpeza. E tem uma placa dizendo ARLINDA, EMPREGADA DE LIMPEZA.

– Pois..., mas tirando isso, você não tem mais provas em como ela é uma mulher da limpeza, pois não? Quer dizer, ela pode gostar de se vestir assim, não pode?

– Bem... acho que sim!

– Vamos lhe perguntar!

Aí, o grande Rico Mendez virou-se para a mulher (que entretanto tinha adormecido) e perguntou¹⁵⁰:

– Porque é que está vestida como uma mulher da limpeza?

– Porquê? Ora, porque foi o papel que me encomendaram.

– Ah! – exclamaram os dois em uníssono.

Então, o pequeno grande João apercebeu-se:

– Qual papel?

– O papel de mulher da limpeza que sofre de espondilose e é caranguejo.

– Mulher da limpeza que sofre de espondilose e é caranguejo?

– Sim.

– Isso não será no estúdio ao lado? No programa da Fátima Lopez?

– Tem razão! Bom, sendo assim, vou-me embora!

Aí, a empregada da limpeza levantou-se da cadeira e saiu do estúdio. O pequeno grande João estava muito confuso.

– Peço muitas desculpas por isto. Com certeza, foi um erro de casting.

– Eu vou-me embora!

– Espere! Deixe-me compensá-lo! Vá até à rececionista e peça o seu cartão de volta. Quando encontrarmos a

¹⁵⁰ A mulher foi acordada previamente pela produção antes do grande Rico Mendez fazer a sua pergunta. (N. A.)

sua mãe, nós falamos consigo!

– Ainda bem! O cartão faz-me falta para dormir!

Aí, o pequeno grande João saiu do estúdio e foi-se embora¹⁵¹.

FIM

Versão original: Lord F. Ullman C. Koko

Versão mal traduzida: Humberto Ricardo

¹⁵¹ Antes de sair, o pequeno grande João passou pela recepcionista e pediu o cartão. Podia ter escrito de outra maneira. Tipo: “o pequeno grande João saiu do estúdio, passou pela recepcionista, levou o cartão e foi-se embora.”. Mas não quis. (N. A.)

O PEQUENO GRANDE JOÃO E OS EMPIRISTAS DE ÂNGULO SEXO- SÓNICO

Num belo dia de Verão, o pequeno grande João ia passeando pelas ruas de Londres. Estava uma fumarada terrível.

Aí, o pequeno grande João pensou:

"Alguém está fazendo um churrasco! Legal!"

O pequeno grande João foi caminhando até chocar com um sujeito muito estranho com as mãos nos bolsos.

– Qual é?

– Qual?

– A sua?

– A minha quê?

– Ideia!

– Ah! Nenhuma.

– Ah, bom!

Aí, o sujeito olhou para o pequeno grande João com um ar muito sério e o pequeno grande João ficou incomodado.

– Queres ir ali comigo?

– Eu, hein? Eu não sou desses, não. No que você está pensando?

– Em nada de mal. Mas desculpa-me, meu jovem, ainda não me apresentei.

O sujeito tira a mão direita do bolso das calças, sacode-a e estende-a em sinal de cumprimento.

– Eurico Gorgulho de Sousa.

– Muito prazer.

– É um nome estranho. Muitoprazer. É parecido com

"muito prazer". Vou ver se não me esqueço dele.

– Não. É João.

– Não é João, não. É Eurico.

– Não. Eu sou João.

– Ah! João Muitoprazer. Já percebi!

– Não, pequeno João!

– Mas tu és grande!

– E também sou pequeno. Sou o pequeno grande João.

– Mas que grande confusão!

Aí, o pequeno grande João perguntou:

– Então, qual é a sua ideia?

– Vamos ali que eu explico.

Os dois caminharam até um sítio isolado.

– Sabes, eu sou um empirista anglo-saxónico.

– Um quê?!

– Um empirista anglo-saxónico.

– E um empirista de ângulo sexo-sónico é o quê?

– Bem, um empirista anglo-saxónico é um... quer dizer, às vezes não,... Mas quase sempre...

– Um quê?

– Não interessa. Você quer fazer uma experiência?

– Que experiência?

– Não te preocupes. Não é nada perigoso.

– Então, vamos lá.

– É assim: Ou sabes ou não sabes. Ou fazes ou não fazes. Se não sabes, não fazes. Logo, só fazes se souberes.

– O quê?

– Isso!

– Isso o quê?

– Isso!

– Mas isso o quê?

– Não estás a ver?

– Não!

– Não?

– Não!

Aí, o velho olhou e não viu nada.

– É verdade.

– O quê?

– Não estavas a ver.

– O quê?

– O que devia estar aqui.

– Então está onde?

– Não sei.

– Não sabe?

– Não.

– Não? Você disse não?

– Sim.

– Sim ou não?

– Não.

– Então?

– Então o quê?

– Disse não ou não?

– Não.

– Ah, bom! Queria parecer outra coisa.

Os dois ficaram pensando o que fazer. Aí, o velho deu um berro:

– Ahá! Lembrei-me!

– Do quê?

– Do que eu te ia ensinar.

– Ah, sim?

– Sim.

– Então, ensine-me.

O velho tirou um papel do bolso e perante o olhar espantado do pequeno grande João, dobrou-o várias vezes até fazer um aviãozinho de papel. Aí, o pequeno grande João

fez também um aviãozinho e ficaram os dois lançando aviãozinhos de papel o resto do dia.

FIM

Versão original: Lord F. Ullman C. Koko
Versão mal traduzida: Humberto Ricardo

O PEQUENO GRANDE JOÃO FICA PEQUENO OUTRA VEZ

Num belo dia de Verão o pequeno grande João estava passeando por um sítio que não via há muito tempo. Tinha sido ali que ele se tornara o pequeno grande João! Lembrou-se então da sua última aventura como pequeno João¹⁵².

Já está? Não? Despachem-se!

Posso? Obrigado!

O pequeno grande João estava distraído com as suas memórias do passado¹⁵³, tão distraído que não notou a aproximação de sete elementos do seu passado.

“Os sete magníficos!”

Os sete magníficos?! Quais sete magníficos?

“Aqueles sete caras que eu conheci quando fui ao velho Oeste!”

Quando foste ao velho Oeste?

“Sim!”

Mas essa história ainda não escrita!

“Não foi?”

Não! E agora, também já não a vou escrever!

“Porque não?”

Porque não quero!

¹⁵² Se quiserem, podem ler de novo a história: “O PEQUENO JOÃO JÁ NÃO É PEQUENO”. Eu espero... (N. A.)

¹⁵³ Óbvio! Memórias têm que ser do passado! (N. A.)

154

O pequeno grande João estava tão distraído que nem sequer notou a aproximação de sete terríveis elementos do seu passado – os sete anões mortais¹⁵⁵!

– Os sete anões mortais?

O quê?

“Os sete anões mortais?”

Sim! Os sete anões mortais! Os mesmos que te queriam comer vivo!

“Eu não me lembro disso!”¹⁵⁶

Bom, talvez quando eles te apanhem, tu te lembres...

“Talvez. E aí? Onde é que ele está?”

Atrás de ti. Vão apanhar-te... agora!

“Agora?”

Agora.

“Não posso fugir?”

Não.

“Onde é que eles estão?”¹⁵⁷

Atrás de ti.¹⁵⁸

“Posso olhar?”

Podes.

Aí, o pequeno grande João olhou para trás e viu os sete anões mortais imóveis no ar à espera que o narrador desse continuidade à acção.

¹⁵⁴ O narrador aproveitou este espaço em branco para acalmar-se e respirar fundo. (N. A.)

¹⁵⁵ Mais uma vez eu lembro, para quem já esqueceu, eles eram mortais porque podiam morrer. (N. A.)

¹⁵⁶ É incrível, não é? Lembra-se de pessoas que vai conhecer no futuro, mas não se lembra dos sete anões mortais. (N. A.)

¹⁵⁷ Esta pergunta era desnecessária. (N. A.)

¹⁵⁸ Esta resposta era desnecessária, mas como a pergunta já estava feita, tinha que arranjar uma resposta. (N. A.)

“Já me lembro!”

Bom, agora tens que te virar e deixar que eles te apanhem.

“Ah... tá bom!”

Aí, os sete anões mortais saltaram para cima do pequeno grande João e meteram-no dentro dum saco e levaram-no para o seu esconderijo.

Quando o pequeno grande João abriu os olhos¹⁵⁹ viu que estava no cimo do grande pé de agrião enorme que subira há muito tempo atrás. Tinha sido aí que encontrara os sete anões mortais pela primeira vez.

Olhou para o lado e viu os sete anões mortais. Eles estavam sorrindo.

– Oi?

– Olá!¹⁶⁰

– O que é que vocês querem?

– Queremos vingança!¹⁶¹

– Porquê?

– Porque foste o único que nós não conseguimos comer até hoje.

– Mas eu sou grande!

– Não interessa! Vamos colocar-te dentro de um comprimidor para que fiques pequeno outra vez!

– Vocês vão pôr-me num quê?

– Num comprimidor¹⁶².

– E isso aí é o quê?

– Sabes o que é “esticador”¹⁶³?

¹⁵⁹ Ele aproveitara a escuridão do saco para dormir. (N. A.)

¹⁶⁰ Os sete anões mortais falavam a uma só voz. (N. A.)

¹⁶¹ Tenho pena de não poder pôr música nesta frase. (N. A.)

¹⁶² Não é nenhuma máquina de fazer comprimidos. (N. A.)

¹⁶³ O pequeno grande João conheceu o “esticador” na época em que

- Sei.
- Sabes o que é que um “esticador” faz?
- Sei.
- O comprimidor faz o contrário. Ou seja, em vez de ficares grande, vais ficar pequeno!
- Mas eu não quero ser pequeno!
- Mas vais ser!
- Aí, os sete anões mortais colocaram o pequeno grande João no comprimidor.

Pausa para descrição narrativa

O comprimidor era uma caixa metálica sem tecto. No lugar do tecto estava uma prensa hidráulica que ia caindo à medida que uma alavanca era accionada. O seu mecanismo era muito semelhante ao do “esticador”.

Os sete anões mortais accionaram a alavanca e a prensa desceu um pouco.

– Mais um pouco!

Accionaram a alavanca mais uma vez e a prensa desceu de novo.

– Mais um pouco!

– Não!

– Sim! Ele tem razão!

Pausa para reflexão narrativa

Os sete anões mortais começavam a manifestar opiniões separadas seria este um presságio?

Continuando...

ainda era pequeno grande João. Ver história: “O PEQUENO JOÃO JÁ NÃO É PEQUENO”. (N. A.)

– Temos que o encolher mais!

– Mas se o encolhermos muito, depois ele fica muito pequeno!

– Não te preocupes!

– Não, eu não vou deixar que tu faças isso!

Aí, os sete anões mortais dividiram-se em dois times – um que queria que o pequeno grande João ficasse mais pequeno e outro que queria que ele ficasse do jeito que estava. Três foram para um lado e os outros três foram para o outro. O outro tinha ido embora¹⁶⁴.

No meio da confusão, a alavanca foi accionada mais uma vez. Mas desta vez a máquina entrou em curto-circuito e breiou. Os parafusos saltaram e a caixa metálica abriu-se. O pequeno grande João saiu para fora. Estava diferente, estava pequeno outra vez! Mais pequeno do que quando era o pequeno João!

No meio de toda aquela barafunda, os sete anões mortais nem notaram que o pequeno grande João estava fugindo.

O pequeno grande João dirigiu-se até ao grande pé de agrião enorme e começou descendo para baixo. E, à medida que ia descendo, pensou:

“Já não sou grande... Sou pequeno outra vez! Mas sou mais pequeno do que era antes. Não posso continuar a ser o pequeno grande João, mas não posso voltar a ser o pequeno grande João. Tenho que arranjar outro nome.”

¹⁶⁵

“Já sei! A partir de hoje vou ser o novo pequeno João!”¹⁶⁶

¹⁶⁴ Era o anão do contra. Por isso, estava contra todos. (N. A.)

¹⁶⁵ Pausa para pensar. (N. A.)

¹⁶⁶ Este rapaz é um espanto, não é? (N. A.)

Satisfeito com a sua escolha, o pequeno grande João, perdão, o novo pequeno João continuando descendo o grande pé de agrião enorme.

FIM

Versão original: Lord F. Ullman C. Koko

Versão mal traduzida: Humberto Ricardo

Nota: Mais uma época que chega ao fim.

NOVA VELHA
ÉPOCA

AS AVENTURAS DO NOVO PEQUENO JOÃO

Num belo dia de Verão, o novo pequeno João estava passeando por um sítio muito bacana. Quer dizer, era bacana porque não estava lá ninguém, mas com um frio daqueles, quem seria o otário que iria para ali?¹⁶⁷

O novo pequeno João resolveu então procurar um sítio quente para se aquecer.¹⁶⁸

Foi aí¹⁶⁹

Eu corrijo.

Foi quando estava à procura de abrigo que o novo pequeno João ouviu uma foca a...¹⁷⁰

Prontos, o novo pequeno João ouviu uma foca a... focar¹⁷¹. Aí, o novo pequeno João resolveu aproximar-se mais e começou a ouvir duas focas, depois três, depois quatro e depois... eram tantas que o novo pequeno João já não conseguia contar. Aquelas focas deviam ser uma verdadeira¹⁷²

Quando chegou ao sítio onde estavam as focas, o novo

¹⁶⁷ Isto sou eu a pensar. O novo pequeno João não é nenhum otário, porque ele nem sequer sabe o que é um otário. (N. A.)

¹⁶⁸ Admito que, às vezes, eu próprio acho isto repetitivo. (N. A.)

¹⁶⁹ O “foi aí” não foi quando o novo pequeno João resolveu procurar abrigo, mas quando já estava à procura. (N. A.)

¹⁷⁰ Alguém sabe como é que as focas fazem? Quer dizer, os cães ladram (e a caravana passa), os gatos miam, e as focas? Focam? (Dúvida do Autor) (D. A.)

¹⁷¹ Perdoem-me os púdicos. (N. A.)

¹⁷² Outra lacuna. Alguém sabe o nome que se dá a um conjunto de focas? Propostas para o *email* a ser indicado no próximo livro. Até lá... (N. A.)

pequeno João ficou impressionado.

– Estou impressionado!

E quase que fez “Uau!”

– Ua...

Vêm?

– Isto foi do sono. Me desculpe.

Estás com sono? Mas tu passaste ontem o dia todo a dormir!

– É... Mas esta história está sendo uma seca!

O. K. Vamos passar à acção!¹⁷³

Não te preocupes. Lá em baixo¹⁷⁴, o novo pequeno João estava vendo muitas focas dentro de jaulas e um bando de caras maus e feios¹⁷⁵ estava tirando a pele das focas e deitando os ca... ca... hum... cadáveres... não...¹⁷⁶ cadáveres. Obrigado.¹⁷⁷

O novo pequeno João ficou furioso e resolveu fazer qualquer coisa para ajudar aqueles animais. Aí, o novo pequeno João tirou a sua bazuca do seu bolso.¹⁷⁸ Então, tirou a sua...¹⁷⁹ Ele tem que tirar qualquer coisa¹⁸⁰ Prontos! Chato!

Aí, o novo pequeno João tirou qualquer coisa do bolso, mas como não tinha nada para tirar, acabou por não tirar nada¹⁸¹ Mas mesmo assim o novo pequeno João resolveu

¹⁷³ Nada de exageros, está bem? (N. A.)

¹⁷⁴ Visto de cima. (N. A.)

¹⁷⁵ É um cliché, eu sei. (N. A.)

¹⁷⁶ Cadáveres. (N. A.)

¹⁷⁷ De nada. (Agradecimento do Autor) (A. A.)

¹⁷⁸ Eh! Bazucas aqui não! (Advertência do Autor) (A. A.)

¹⁷⁹ Ele não tirou nada. (Nova Advertência do Autor) (N. A. A.)

¹⁸⁰ Ele não tem nada para tirar! (Mais uma Advertência do Autor) (M. U. A. A.)

¹⁸¹ Às vezes, é irritante. (Expressão de Fúria Contida do Autor) (E. F. C. A.)

descer pelo monte abaixo. Mas acabou provocando uma alavanche... avalanche, perdão. Mas só os animais é que ficaram cobertos.¹⁸² E sem chá! O novo pequeno João já não podia fazer nada quanto às focas mortas, mas podia libertar as que estavam presas.

Aí, o novo pequeno João tirou as focas da jaula e elas começaram brincando com o novo pequeno João como se ele fosse uma bola.

FIM

Versão original: Lord F. Ullman C. Koko

Versão mal traduzida: Humberto Ricardo

¹⁸² Os animais feios e maus. (*Explicação do Autor*) (E. A.)

O NOVO PEQUENO JOÃO NO PINHAL DE COINA

Num belo dia de Verão, o novo pequeno João estava passeando pelo Pinhal de Coina quando ouviu um ruído muito estranho.¹⁸³ Não tão estranho assim. Esse ruído era o ruído do seu estômago¹⁸⁴ roncando¹⁸⁵ Certo.

Aí, o novo pequeno João resolveu comer qualquer coisa. Apetecia-lhe algo doce, mas infelizmente, não havia nenhum Ambrósio ali por perto¹⁸⁶ por isso o novo pequeno João resolveu procurar um vendedor de doces.¹⁸⁷

Aí, o novo pequeno João procurou, procurou, procurou e... encontrou. Encontrou uma Mulher da Vida¹⁸⁸ à beira de estrada¹⁸⁹ sentada num sofá encarnado.¹⁹⁰ Aí, o novo pequeno João aproximou-se dela e perguntou pra ela:

¹⁸³ *Tererutpst. (Onomatopeia criada pelo autor para um som não-existente) (O. C. P. A. U. S. N. e.)*

¹⁸⁴ Ah! (*Expressão de compreensão do autor*) (E. C. A.)

¹⁸⁵ De fome, certo? (*Pergunta do Autor*) (P. A.)

¹⁸⁶ Não sei se perceberam a piada. (*Dúvida do Autor*) (D. A.)

¹⁸⁷ Neste momento, percebi que poderia facilitar muito a vida do novo pequeno João, levando-o para uma loja de doces, mas sendo esta uma história passada no Pinhal de Coina, vou me limitar ao local indicado no título. Senão a história perde a piada toda. (N. A.)

¹⁸⁸ Isto quer dizer duas coisas. Primeiro, a vida é lésbica. Segundo, a vida é adepta da poligamia. (N. A.)

¹⁸⁹ Nesta altura, o novo pequeno João estava na parte periférica do Pinhal de Coina (N. A.)

¹⁹⁰ Era para escrever vermelho, mas depois ainda me processavam por violar direitos de autor. (N. A.)

– Você tem aí chupas?

Aí, a Mulher da Vida olhou para o novo pequeno João e respondeu:

– Não!

– Se não tiver chupas, pode ser uma goma.

– Não! **Vai-te embora!**

– Ei! Não é preciso gritar! Eu não sou surdo não!

– Eu não gritei!

– Gritou sim! O seu texto estava em **negrito!**

Ah! Já percebi! A culpa foi minha, desculpem lá.

– Vai-te embora senão eu chamo o meu homem!¹⁹¹

– Se ele não tiver doces não vale a pena...

– Homem!¹⁹²

Aí, um homem apareceu.¹⁹³

– O qué que tás aqui a fazer?

– Você tem doces aí?

– Baza daqui! Andor! Vá! Senão parto-te os cornos!

Aí, o novo pequeno João apercebeu-se duma coisa. Se ele tinha cornos, era porque tinha uma mulher e resolveu ir-se embora procurá-la.

FIM

Versão original: Lord F. Ullman C. Koko

Versão mal traduzida: Humberto Ricardo

NOTA: Este não é um feliz finalizando (*happy ending*). O

¹⁹¹ Já sabíamos que esta mulher da vida tinha uma relação com a vida (que além de lésbica, era poligâmica). Agora, descobrimos que tem uma relação com um homem. Este é o triângulo mais esquisito da história das histórias. (**N. A.**)

¹⁹² Não me apeteceu nomear este personagem. (**N. A.**)

¹⁹³ Eu sou tão coerente! (**Exclamação do Autor**) (**E. A.**)

novo pequeno João acabou por não arranjar nenhum doce e ainda por cima foi enganado. O.K.! Fui que o enganei! Mas não fiz de propósito... foi porque me apeteceu.

O ANIVERSÁRIO DO NOVO PEQUENO JOÃO

NOTA: Esta história não irá começar por “Num belo dia de Verão...”. Não. Antes de começar a história em si gostaria de vos contar, de vos revelar uma constatação (ou qualquer coisa assim).

Há pouco tempo (geralmente, estas coisas começam sempre há muito tempo, mas como eu só reparei nisto há menos de dois minutos, tenho que colocar “Há pouco tempo”. Adiante.

Estava eu a dizer que me tinha apercebido duma coisa. Eu como autor destas histórias, apercebi-me que desconheço por completo uma informação importantíssima sobre o pequeno João. Que idade é que ele tem? Quer dizer... Eu não sei. E acho que ele também não sabe. É verdade que estas constantes mudanças de identidade (pequeno João, pequeno grande João, novo pequeno João e as outras que virão no futuro) criam em todos nós (e principalmente no pequeno João) uma pequena (para não dizer grande) (prontos já disse!) confusão.

Foi para resolver esse problema, que eu resolvi escrever esta história que começa aqui. (não é aqui) (nem aqui)

Num belo dia de Verão

(desculpem, mas este início é obrigatório)

Num belo dia de Verão, o novo pequeno João estava passeando pela rua. Era um dia como qualquer outro. Aí, uma velha lhe ofereceu um bolo

(isto está a ser demasiado óbvio, não está?)

Aí (É só para dizer que estou farto destes parêntesis. Vou passar a usar notas de rodapé.)¹⁹⁴

Aí, o novo pequeno João ficou sem saber o que fazer com aquele bolo que aquela velha lhe tinha oferecido.

Hipótese A – Comê-lo?

Hipótese B – Colocar uma vela e comemorar o seu aniversário?

Aí, o novo pequeno João escolheu a hipótese certa.

– Hipótese B.

Mas havia um problema¹⁹⁵ – o novo pequeno João não sabia a sua idade.

– Eu não sei a minha idade.¹⁹⁶

Então, que tal não colocares velas no bolo?

– E comemoro o meu aniversário assim?

Claro. Assim, não precisamos de nos preocuparmos com isso.

Aí, o novo pequeno João cantou o “PARABÉNS A VOCÊ”¹⁹⁷ e comeu o bolo¹⁹⁸ e foi-se embora. Uma última nota antes do fim da história.¹⁹⁹

FIM

Versão original: Lord F. Ullman C. Koko

Versão mal traduzida: Humberto Ricardo

¹⁹⁴ Primeira nota. (N. A.)

¹⁹⁵ Aquele da idade, lembram-se? (*Pergunta do Autor*) (P. A.)

¹⁹⁶ Coerente q.b. (N. A.)

¹⁹⁷ Não vou colocar nem a letra original, nem a interpretação do novo pequeno João. Qualquer uma delas é pior que a outra. E o novo pequeno João a cantar é um pesadelo que nem ousa ter. (N. A.)

¹⁹⁸ Não tinha muitas hipóteses de escolha, pois não? (*Pergunta do Autor*) (P. A.)

¹⁹⁹ (N. A.)

²⁰⁴ Ou seja, um por camelo. (N. A.)

– N... n... n...

– N... O quê? Não percebo nada do que você está dizendo!

– N... n... nós s... s... so... so.. som... som... som... somos. Nós somos o... o... os t... t... t... t... tr... tr... trê... r... r... r... Reis g... g... ga... ga... gag... gag... gag... Gagos.

– Vocês são os três Reis Gagos?

Aí, um dos outros respondeu:

– S... S... SIM, N... N... NÓS S... S... SO... SO.. SOM... SOM... SOM... SOMOS O... O... OS T... T... T... T... TR... TR... TR... TRÊS R... R... Reis g... g... ga... ga... gag... gag... gag... Gagos.

Aí, o novo pequeno João (e eu também, confesso) ficou intrigado. QUEM ERAM OS TRÊS REIS GAGOS?²⁰⁵

O autor da história não sabe quem são os três Reis Gagos, mas como eles são os personagens de suporte, vamos inventar uma história assim um pouco à pressa.²⁰⁶

NOTA: Pedimos desculpa por esta interrupção. Voltaremos à acção assim que nos for possível.

Então o novo pequeno João não ficou mais intrigado. Ele ainda não sabia quem eram os três Reis Gagos. Eu também não sabia. Ninguém sabia. Nem mesmo eles sabiam quem eram os três Reis Gagos. E isto porquê?

Porque:

1 – Eles não são três – até agora só dois deles é que falaram. Certo? Talvez o outro seja mudo.²⁰⁷

2 – Eles não são reis – são fugitivos de um Hospital

²⁰⁵ Não faço ideia. (N. A.)

²⁰⁶ Como todas as outras, certo? (*Pergunta do Autor*) (P. A.)

²⁰⁷ Mas será que poderá existir algum mudo gago? (*Dúvida do Autor*) (D. A.)

Psiquiátrico ali das redondezas.

3 – Eles não são gagos – pelo menos um deles não é.²⁰⁸

Aí, o novo pequeno João foi-se embora e nunca mais os três Reis Gagos (porque não quis, porque eu não quis que ele visse e porque eles não eram três, não eram Reis, não eram gagos e, provavelmente, não eram três)

FIM

Versão original: Lord F. Ullman C. Koko

Versão mal traduzida: Humberto Ricardo

²⁰⁸ Estou a falar do mudo. Se ele existir, claro... (N. A.)

O PERFUME DO NOVO PEQUENO JOÃO

Num belo dia de Verão, o novo pequeno João estava passeando por um bosque muito florido e cheio de animaizinhos brincando. Mas havia qualquer coisa que não estava bem. O que seria? À primeira vista, estava tudo bem. Mas cheirando... Não cheirava a nada. Era isso! Não havia cheiro nenhum naquele bosque!

Tomou um segundo apenas para cheirar os seus sova-cos. Sorriu.

– Ah! Ainda está aí!

Foi andando pelo bosque à procura do cheiro que desaparecia. Então, chegou à entrada de uma pequena gruta. Olhou lá para dentro e não viu nada. Estava a maior escuridão.

De repente, saiu de lá de dentro um cara todo pelado. Aí, o novo pequeno João apanhou um baita sustão!

– Eu, hein? Cê deve ser é maluco!

O outro corria em círculos à volta da árvore e não ligava a nada nem a ninguém. Então, o outro parou de correr e chegou-se junto do novo pequeno João.

– Quem é você?

– Sou o novo pequeno João. E você?

– Não lhe interessa. Pode dizer-me como é que você é?

– Você não vê?

– Não.

– Não?

– Não.

– Então, como é que...

– Eu cheiro. Cheiro tudo. Sou um cheiroso.

– Ah, então é você que anda tirando o cheiro da floresta.

– Sou.

– Aí, me diga como é que eu sou.

O outro começa cheirando o novo pequeno João que nem um cachorro. O novo pequeno João começa se sentindo muito incomodado. O outro cara faz uma cara feia e afasta-se um pouco.

– E aí? Já está?

O outro responde com muita dificuldade.

– Já.

– E aí? Sou bonito?

– Não! Vá-se embora. Você cheira mal!

– Não cheiro nada!

– Cheira sim!

– Não cheiro não! Se eu cheirasse mal não conseguia saber que não havia cheiro na floresta.

Aí, o outro ficou pensando e depois disse:

– É! Você tem razão!

– Tenho, não tenho?

– Tem!

– Eu sabia que cheiro bem! Eu tenho o nariz desentupido!

Foi então que o novo pequeno João descobriu que aquela criatura, o “Chupa-cheiro”, como ele o começou chamando, não podia fazer nada com seu cheiro. Aí, o novo pequeno João ficou muito feliz e foi-se embora.

FIM

Versão original: Lord F. Ullman C. Koko

Versão mal traduzida: Humberto Ricardo

O NOVO PEQUENO JOÃO E O BEHAVIORISMO

Num belo dia de Verão, o novo pequeno João estava passeando pela rua²⁰⁹ quando um cara apareceu por trás e²¹⁰ raptou o novo pequeno João.²¹¹ (Neste período da história²¹², convém explicar que o novo pequeno João não sabia que ia ser raptado. Estas histórias podem ser repetitivas, mas nunca, atenção! Nunca são previsíveis. Bom... quase nunca.)

Convém também explicar que o novo pequeno João tinha uma venda em seus olhos. Por isso, não podia ver para onde estava sendo levado. O cara que o raptou apercebeu-se que eu poderia descobrir para onde estava levando o novo pequeno João; por isso, furou os seus próprios olhos. Podia usar o PDV²¹³ de outra personagem, mas para fazer isso tinha que criar outra personagem. Uma última nota antes de passar à parte interessante.²¹⁴ O.K.

²⁰⁹ Isto começa a ficar repetitivo. *(N. I. A. E. N. C. C. H. D. M.)*
(Nota inútil do autor já que ele não consegue começar as histórias doutra maneira)

²¹⁰ Cuidado com a pedofilia. *(M. U. N. I. A. E. E. E. H.)* *(Mais uma nota inútil do autor já que é ele que escreve estas histórias)*

²¹¹ Azar dele. Do raptor claro. *(N C. P. P. V. D. H. A. D. S. U. M. C. A.)* *(Nota de compaixão pelo primeiro vilão desta história apesar deste ser uma mera criação do autor)*

²¹² Com “h” minúsculo. *(N. A.)*

²¹³ Ponto de vista. *(N. A.)*

²¹⁴ Como era cego, o raptor usava um cão guia. Podia, assim, usar o

Quando abriu os olhos, o novo pequeno João viu²¹⁵ que estava numa sala enorme, branca e muito iluminada. Com ele estavam mais quatro crianças e um cara de barba e cachimbo na mão.²¹⁶ Aí, o cara barbudo falou:

– Eu sou o descendente do Dr. Watson.

Vamos abrir um parêntesis aqui (

Para quem diz que não aprende nada com estas histórias aqui fica uma explicação sobre quem é este Dr. Watson:

a) Dr. Watson 1 – Antepassado do personagem que diz ser descendente do seu antepassado.

b) Dr. Watson 2 – Personagem fictício.²¹⁷

Vamos fechar um parêntesis aqui) e continuar

– Sou descendente do verdadeiro Dr. Watson e não daquele médicozinho de meia-tigela que era parceiro daquele detective.

Ninguém na sala sabia do que é que aquele cara estava falando, mas ele continuava:

– Como sabem, o meu antepassado efectuou uma série de experiências com crianças e adultos para prever os seus comportamentos.²¹⁸ Na minha opinião, desde que ele morreu, nunca mais se fizeram experiências interessantes. Foi por isso que eu resolvi pegar em... cinco voluntários e

pdv do cão. O problema é que os cães têm uma percepção do mundo completamente diferente da nossa, por isso o problema mantém-se.

(N. A.)

²¹⁵ Isto é natural. Não tem nenhum milagre por trás. (N. A.)

²¹⁶ Ele tinha barba na cara e o cachimbo na mão. Não se enganem.

(N. A.)

²¹⁷ Obviamente, sendo este um personagem fictício, não poderia ser este o Dr. Watson antepassado do seu descendente. Se há uma coisa que estas histórias não fazem é misturar a realidade com a ficção. (N. A.)

²¹⁸ Seus, os das cobaias, perdão, voluntários. (N. A.)

realizar com eles algumas experiências comportamentais. Todos vocês estão livres de aceitar a minha proposta ou serem obrigados a aceitá-la. Ninguém diz nada? Quem cala, consente. Portanto, aceitam, não é?

Aí, o novo pequeno João disse:

– Nós não dissemos nada porque o cara que está escrevendo isto não nos deu nada para dizer.

Eu não vos dei nada para dizer porque não era preciso.

– Mas eu sou o personagem principal! Eu tenho que dizer qualquer coisa!

O.K.

– Qualquer coisa. Hei! Você está gozando comigo?

Falas aquilo que eu quero e acabou-se. Não percebeste o que é que ele disse? Se não aceitarem a proposta, ele obriga-os a aceitar...

– É. Foi isso que eu disse.

– Pois foi.

Não. Isso foi o que eu quis que vocês dissessem.

– Estou ficando furibundo! Vou fazer greve!

– Eu também! Quem é que você pensa que é? A controlar-nos dessa maneira?

Vocês só dizem o que eu quero, por isso, podemos continuar?

– Tá bom...

Aí, o dr. Watson Júnior levou os cinco para um laboratório e começou fazendo as experiências. O primeiro voluntário forçado foi o novo pequeno João. O Dr. Watson Júnior colocou o novo pequeno João em cima duma mesa e disse:

– Observem agora! Eu vou apontar-lhe esta pistola e quando ouvir o gatilho, ele vai fechar os olhos.

Aí, o Dr. Watson Júnior apontou a pistola para o novo pequeno João e carregou no gatilho. Aí, o novo pequeno

João fechou os olhos.

– Viram? Consegui prever a reacção dele a um estímulo externo.

– Grande coisa.

– Pois. Ele só fez isso porque você disse que ele ia fazer.

– Eu não disse. Eu previ.

– É a mesma coisa.

– É isso aí. Se você não tivesse dito o que eu ia fazer, eu não teria feito nada.

– Quer dizer que se eu não tivesse previsto o que tu irias fazer, tu não terias feito nada?

– Claro que não! Se eu não soubesse o que iria fazer, como é que o poderia fazer?

Aí, o Dr. Watson Júnior. tentou explicar²¹⁹ ao novo pequeno João tudo aquilo, mas foi então que apareceram dois caras de branco que pegaram no Dr. Watson Júnior e levaram-no embora.

FIM

Versão original: Lord F. Ullman C. Koko

Versão mal traduzida: Humberto Ricardo

O.K. Não digam nada. Não perceberam, pois não? Eu explico:

1 – O Dr. Watson Júnior não era, na verdade, o Dr. Watson Júnior. O seu nome verdadeiro era Alberto Rodrigues e era um paciente dum hospital psiquiátrico das redondezas.

²¹⁹ Se bem que não haja muito por explicar, não é? (N. A.)

2 – As crianças não eram órfãs. Os pais tinham-nas vendido e ficaram muito tristes quando tiveram que devolver o dinheiro.²²⁰

3 – O novo pequeno João foi-se embora e nunca mais viu ninguém.²²¹

²²⁰ Foi só por isso que ficaram tristes. As crianças passaram a pertencer ao hospital psiquiátrico. **(N. A.)**

²²¹ Não. O novo pequeno João não ficou cego. Ele nunca mais viu ninguém desta história. (A não ser ele próprio, quando apanha um reflexo seu num espelho ou num vidro ou num rio ou qualquer outro tipo de superfície reflectiva) **(N. A.)**

O NOVO PEQUENO JOÃO EM AUSCHWITZ

Num belo dia de Verão, o novo pequeno João estava passeando por um sítio deserto quando viu que não estava ninguém por perto.²²²

Aí, o novo pequeno João resolveu procurar alguém para conversar.

Aí, o novo pequeno João procurou e não encontrou ninguém²²³, mas estava num sítio assustador. Era um sítio grande, com edifícios e uma placa dizendo:

CAMPO DE CONCENTRAÇÃO DE AUSCHWITZ²²⁴

Aí, o novo pequeno João começou ouvindo vozes vindas do além. Aí, o novo pequeno João olhou para o além ao fundo e não viu ninguém. Mas as vozes continuavam. Aí, o novo pequeno João prestou atenção e reparou que as vozes estavam lhe dizendo qualquer coisa.

²²⁵

As vozes estavam dizendo ao novo pequeno João que eram as almas de todas as pessoas que tinham sido mortas

²²² Ele tem andado a estudar fora das histórias, admito. (N. A.)

²²³ Porque não havia ninguém por perto para encontrar. (N. A.)

²²⁴ Não se assustem. Esta história não tem nada de mal. Quer dizer até tem, mas nada que afecte as vítimas de Auschwitz, antes pelo contrário. (N. A.)

²²⁵ Pausa para decifrar o que as vozes estavam dizendo. (N. A.)

em Auschwitz e que um general nazi lhes tinha lançado um feitiço que as condenava a ficarem presas naquele sítio enquanto não encontrassem uma pessoa sem vontade própria.²²⁶

Aí, o novo pequeno João disse que não tinha vontade própria.

– Eu não... Ei! O que é que eu tou dizendo? Eu tenho vontade própria!

Não tens, não.

– Tenho sim.

Não tens. Queres uma prova? Diz uma cor.

– Azul.

Porque é não disseste amarelo?

– Você disse para dizer uma cor. Não disse para dizer amarelo.

Mas porque é que não disseste amarelo?

– Porque eu...

Porque não podias! Tu não tens vontade própria e, mesmo que tivesses, isso não faria diferença. Eles precisam duma pessoa sem vontade própria e a única pessoa por perto és tu.

– Mas eu tenho vontade própria. Porque é não arranja outro personagem sem vontade própria?

Deves pensar que é fácil criar um personagem sem vontade própria? Tu és o personagem principal e a história chama-se o “O NOVO PEQUENO JOÃO EM AUSCHWITZ”. Portanto, és tu que os vai ajudar, percebes?

– Tá legal...

Aí, o novo pequeno João disse que não tinha vontade própria.

²²⁶ Uma pessoa, aliás, uma alma só não conseguiria dizer isto com fluência. Mas uma vez que são várias almas, é perfeitamente possível. (N. A.)

– Eu não tenho vontade própria....

Isso não foi convincente. Tens que fazer melhor.

– Não foi convincente?

Não. Não foi.

– Então, como é que eu faço?

Espera um pouco. Deixa-me ver. Acho que é a pontuação. Em vez de reticências, experimenta pôr um ponto de exclamação.

– Eu não tenho vontade própria!

Aí, as vozes explicaram que enquanto aquele sítio não fosse destruído elas estavam condenadas a ficarem ali naquele sítio não fosse destruído elas estavam condenadas a ficarem ali naquele sítio...²²⁷ Por isso, iam utilizar o novo pequeno João para destruir aquilo tudo.

Aí, o novo pequeno João começou brilhando e tocou numa parede e aí a parede explodiu. Aí, o novo pequeno João percebeu que tudo o que explodia ele tocava.²²⁸ Aí, o novo pequeno João tocou em tudo o que era parede e aí tudo o que era parede explodiu.²²⁹

As almas estavam finalmente livres.

Aí, o novo pequeno João voltou a ter vontade própria e foi-se embora.

FIM

Versão original: Lord F. Ullman C. Koko

Versão mal traduzida: Humberto Ricardo

²²⁷ Peço desculpa aos leitores, mas o meu computador está com dificuldades técnicas. (N. A.)

²²⁸ Ou ao contrário. (N. A.)

²²⁹ Logicamente, os tectos caíram também porque não podiam ficar no ar sem paredes para os segurar. (N. A.)

O NOVO PEQUENO JOÃO NO PLANETA DOS SÍMIOS FALANTES

Num belo dia de Verão, o novo pequeno João estava passeando pela praia quando tropeçou e bateu com a cabeça numa rocha e perdeu os sentidos.²³⁰

Quando acordou, tinha perante si a inconfundível face dum símio²³¹. Aí, o novo pequeno João gritou:

– Uai! Chô bichano!

Mas afinal aquele símio não era um símio qualquer.

– Bichano? Eu?

Ele era um símio falante . O novo pequeno João tinha ido parar ao planeta dos símios falantes.

– Você fala?

– Qual é o espanto? Tu também falas.

– Mas isso é natural. O que não é natural é você falar.²³²

– Pois aqui no planeta dos símios falantes...

– Planeta do quê?

– Dos símios falantes.

– Não conheço.

²³⁰ Não levem tudo à letra. Ele não perdeu os sentidos, ele adormeceu. Na verdade não é assim tão simples, mas também não é agora que eu vou pensar numa explicação. (N. A.)

²³¹ Para quem não sabe: um símio é um primata. Para quem não sabe o que é um primata: azar! Soubessem. Se não sabem é porque pertencem à mesma espécie. (Nota do Autor com Intenção de Ofender o Leitor) (N. A. I. O. L.)

²³² Na verdade, também não é natural o novo pequeno João falar uma vez que é apenas uma figura fictícia. (N. A.)

- É aqui.
- E que fazem vocês aqui?
- Capturamos humanos.
- Aí, o novo pequeno João percebeu que ia ser capturado.
- Isso quer dizer que você vai-me capturar?
- Hum... não.
- Mas eu sou humano e você disse que captura humanos.
- Capturo, não. Capturamos.
- Então capture-me!
- Não posso! Eu estou sozinho. A não ser que... Não te importas de ir comigo até à aldeia para seres capturado?
- Aldeia? Vocês são muito atrasados.
- Nós não somos atrasados. O Governo é que não dá verbas para o desenvolvimento interior do país.²³³
- Ah... Vamos lá então.
- Aí, o novo pequeno João e o símio falante foram até à aldeia dos símios falantes para que o novo pequeno João pudesse ser capturado pelos símios falantes.
- (Período temporal destinado ao deslocamento corporal do novo pequeno João e do símio falante até à aldeia dos símios falantes.)
- Quando chegaram à aldeia dos símios falantes, o novo pequeno João e o símio falante dirigiram-se ao chefe dos símios falantes, o grande Símio Falante.
- Grande Chefe Símio Falante, trago aqui este humano.
- E que pensas tu fazer com ele?
- Eu gostava de capturá-lo.
- Não estás em pensar fazer isso sozinho, pois não?

²³³ Uma pequena piada política que, vistas as coisas, não faz assim grande sentido, uma vez que eles estão na praia, ou seja, litoral. Mas olha, já tá já tá. (N. A.)

Sabes que é proibido pela Lei capturar humanos sozinho.

– Eu sei. E já escolhi aqueles que me vão ajudar a capturar este humano. Entrem!

Dois símios falantes entram na cabana. O símio falante e o símio falante.

– Olá.

Aí, o grande chefe falou:

– Agora que estão todos reunidos, podemos dar início à cerimónia. Tu, símio falante e tu, símio falante e tu, símio falante aceitam capturar o... Como é que ele se chama?

Aí, o novo pequeno João respondeu:²³⁴

– O meu nome é novo pequeno João.

Aceitam capturar o novo pequeno João?

– Aceitamos.

– E tu, novo pequeno João, aceitas ser capturado pelos símios falantes?

– Aceito.

– Então, eu vos declaro capturadores e capturado. Podem começar a captura.

Aí, os três símios falantes capturaram o novo pequeno João.

– Capturámos-te!

– E agora?

– Não sei. Grande Chefe Símio Falante, o que é que a gente faz agora?

– Já o capturaram?

– Já.

– Então ele que se vá embora que nós temos mais que fazer.

Aí, o novo pequeno João foi-se embora e os símios

²³⁴ De certeza que eles não sabiam o nome, pois o nome dele ainda não tinha sido mencionado. (N. A.)

falantes foram fazer qualquer coisa.

FIM

Versão original: Lord F. Ullman C. Koko

Versão mal traduzida: Humberto Ricardo

O NOVO PEQUENO JOÃO NA LANCHONETE DO PATO ESCOCÊS

Num belo dia de Verão, o novo pequeno João estava passeando por um sítio qualquer quando descobriu que tinha fome.

“Ei! Eu estou com fome!”

Depois de atravessar a estrada, o novo pequeno João viu um letreiro dizendo²³⁵ LANCHONETE DO PATO ESCOCÊS. Aí, o novo pequeno João tirou a carteira a um miúdo e resolveu entrar na Lanchonete do Pato Escocês para comer qualquer coisa.

Quando o novo pequeno João entrou na Lanchonete do Pato Escocês, o novo pequeno João ficou espantado.

– Puxa vida! Esse negócio tá cheio prá caramba!

Aí, o novo pequeno João decidiu esperar pela sua vez.

Passado um minuto, o novo pequeno João estava farto de esperar e aí, o novo pequeno João decidiu ir até à cozinha sem ninguém ver.

Aí, o novo pequeno João aproximou-se da porta da cozinha, olhou para os lados²³⁶ e entrou na cozinha.

Aí, o novo pequeno João começou procurando algo para comer. O novo pequeno João estava procurando algo

²³⁵ Se estão à espera que eu ponha uma nota a dizer: “O letreiro não falava. As letras nele é que transmitiam uma mensagem.”... Esqueçam. (N. A.)

²³⁶ Esta acção foi completamente inútil. Primeiro porque não estava ninguém nos lados. Logo, mesmo que ele não olhasse, ninguém estaria lá. Segundo, porque a câmara estava em cima. (N. A.)

para comer quando viu uma situação insólita – um empregado da Lanchonete do Pato Escocês perseguia uma bola. Mas a bola não era uma bola mas sim, um bicho. Era um bicho estranho, mas era um bicho.²³⁷

Aí, o empregado da Lanchonete do Pato Escocês conseguiu agarrar o bicho e atirou o bicho para dentro numa frigideira. Aí, o bicho começou gritando.²³⁸

Aí, o novo pequeno João resolveu ajudar o pobre bicho e aproximou-se do empregado da Lanchonete do Pato Escocês.

– O que você está fazendo?

– Quem és tu?

– Sou o novo pequeno João.

– Põe-te a andar daqui pra fora, mas é!

– O que você vai fazer com esse bicho?

– Vou fritá-lo.

– Você não pode fazer isso.

– Eu também acho que não. Eu já disse ao meu chefe que ele sabe melhor cozido, mas ele não me quer ouvir.

– Eu tenho aqui algum dinheiro. Você não quer vender?

– Quanto é que tens?

Aí, o novo pequeno João pegou no dinheiro que tinha tirado ao miúdo e deu-o ao empregado da Lanchonete do Pato Escocês.

– Chega.

²³⁷ Aqui entra a piada da manipulação genética de alimentos (ou lá o que lhes quiserem chamar) (*N. A.*)

²³⁸ Quer dizer, o bicho não podia gritar, uma vez que não tinha boca nem olhos. Mas, supondo que ele tivesse boca e fosse atirado para dentro numa frigideira (como o foi) ele inevitavelmente gritaria. A não ser que fosse desprovido de sistema nervoso. (*Explicação do Autor*) (*E. A.*)

– Cê tem aí uma trela?

– Tenho.

(Durante este período de tempo, o novo pequeno João e o empregado da Lanchonete do Pato Escocês olharam um para o outro, até que o novo pequeno João perguntou:)

– Pode me dá-la?

– Não.

– Vá lá.

– O.K.

Aí, o novo pequeno João colocou a trela à volta do pescoço do bicho²³⁹ e foi-se embora.

Meses mais tarde, o empregado da Lanchonete do Pato Escocês foi preso por andar com dinheiro falso e, muitos anos mais tarde, o miúdo passou a ser um vagabundo. Mas isso são histórias que não interessam.

FIM

Versão original: Lord F. Ullman C. Koko

Versão mal traduzida: Humberto Ricardo

²³⁹ O bicho não tinha pescoço porque era uma bola. Assim, o novo pequeno João colocou a trela na parte do bicho que se parecia mais com um pescoço. (N. A.)

O NOVO PEQUENO JOÃO TEM UM ENCONTRO SUPER-IMEDIATO

Nota: Antes de começar, queria dizer-vos que esta é a história do pequeno João mais curta que já escrevi até hoje. E a mais coerente. E a mais rápida. E a mais económica. E se não parar depressa de escrever estas porcarias que não interessam para nada, bem posso apagar o que escrevi.

Num belo dia de Verão, o novo pequeno João estava andando pela rua quando teve um encontro super-imediato. Mas foi um encontro super-imediato tão rápido que o novo pequeno João não teve tempo para re-conhecer²⁴⁰ quem era.

FIM

RESUMO (para quem não conseguiu acompanhar):

Num belo dia de Verão, o novo pequeno João estava andando pela rua quando teve um encontro super-imediato. Mas foi um encontro super-imediato tão rápido que o novo pequeno João não teve tempo para re-conhecer²⁴¹ quem.

FIM

²⁴⁰ Re-conhecer – acto de conhecer algo ou alguém de novo pela primeira vez. (N. A.)

²⁴¹ Re-conhecer - acto de conhecer algo ou alguém de novo pela primeira vez. (N. A.)

RESUMO (para quem não conseguiu acompanhar):

Num belo dia de Verão, o novo pequeno João estava andando pela rua quando teve um encontro super–imediato. Mas foi um encontro super–imediato tão rápido que o novo pequeno João não teve tempo para re-conhecer²⁴².

FIM

RESUMO (para quem não conseguiu acompanhar):

Num belo dia de Verão, o novo pequeno João estava andando pela rua quando teve um encontro super–imediato. Mas foi um encontro super–imediato tão rápido que o novo pequeno João não teve tempo para.

FIM

RESUMO (para quem não conseguiu acompanhar):

Num belo dia de Verão, o novo pequeno João estava andando pela rua quando teve um encontro super–imediato. Mas foi um encontro super–imediato tão rápido que o novo pequeno João não teve tempo.

FIM

RESUMO (para quem não conseguiu acompanhar):

Num belo dia de Verão, o novo pequeno João estava andando pela rua quando teve um encontro super–imediato.

²⁴² Re-conhecer - acto de conhecer algo ou alguém de novo pela primeira vez. (N. A.)

Mas foi um encontro super–imediato tão rápido que o novo pequeno João não teve.

FIM

RESUMO (para quem não conseguiu acompanhar):

Num belo dia de Verão, o novo pequeno João estava andando pela rua quando teve um encontro super–imediato. Mas foi um encontro super–imediato tão rápido que o novo pequeno João não.

FIM

RESUMO (para quem não conseguiu acompanhar):

Num belo dia de Verão, o novo pequeno João estava andando pela rua quando teve um encontro super–imediato. Mas foi um encontro super–imediato tão rápido que o novo pequeno João.

FIM

RESUMO (para quem não conseguiu acompanhar):

Num belo dia de Verão, o novo pequeno João estava andando pela rua quando teve um encontro super–imediato. Mas foi um encontro super–imediato tão rápido que o novo pequeno.

FIM

RESUMO (para quem não conseguiu acompanhar):

Num belo dia de Verão, o novo pequeno João estava andando pela rua quando teve um encontro super–imediato. Mas foi um encontro super–imediato tão rápido que o novo.

FIM

RESUMO (para quem não conseguiu acompanhar):

Num belo dia de Verão, o novo pequeno João estava andando pela rua quando teve um encontro super–imediato. Mas foi um encontro super–imediato tão rápido que o.

FIM

RESUMO (para quem não conseguiu acompanhar):

Num belo dia de Verão, o novo pequeno João estava andando pela rua quando teve um encontro super–imediato. Mas foi um encontro super–imediato tão rápido que.

FIM

RESUMO (para quem não conseguiu acompanhar):

Num belo dia de Verão, o novo pequeno João estava andando pela rua quando teve um encontro super–imediato. Mas foi um encontro super–imediato tão rápido.

FIM

RESUMO (para quem não conseguiu acompanhar):

Num belo dia de Verão, o novo pequeno João estava andando pela rua quando teve um encontro super-imediato. Mas foi um encontro super-imediato tão.

FIM

RESUMO (para quem não conseguiu acompanhar):

Num belo dia de Verão, o novo pequeno João estava andando pela rua quando teve um encontro super-imediato. Mas foi um encontro super-imediato.

FIM

RESUMO (para quem não conseguiu acompanhar):

Num belo dia de Verão, o novo pequeno João estava andando pela rua quando teve um encontro super-imediato. Mas foi um encontro.

FIM

RESUMO (para quem não conseguiu acompanhar):

Num belo dia de Verão, o novo pequeno João estava andando pela rua quando teve um encontro super-imediato. Mas foi um.

FIM

RESUMO (para quem não conseguiu acompanhar):

Num belo dia de Verão, o novo pequeno João estava andando pela rua quando teve um encontro super-imediato. Mas foi.

FIM

RESUMO (para quem não conseguiu acompanhar):

Num belo dia de Verão, o novo pequeno João estava andando pela rua quando teve um encontro super-imediato. Mas.

FIM

RESUMO (para quem não conseguiu acompanhar):

Num belo dia de Verão, o novo pequeno João estava andando pela rua quando teve um encontro super-imediato.

FIM

RESUMO (para quem não conseguiu acompanhar):

Num belo dia de Verão, o novo pequeno João estava andando pela rua quando teve um encontro.

FIM

RESUMO (para quem não conseguiu acompanhar):

Num belo dia de Verão, o novo pequeno João estava andando pela rua quando teve um.

FIM

RESUMO (para quem não conseguiu acompanhar):

Num belo dia de Verão, o novo pequeno João estava andando pela rua quando teve.

FIM

RESUMO (para quem não conseguiu acompanhar):

Num belo dia de Verão, o novo pequeno João estava andando pela rua quando.

FIM

RESUMO (Para os grandes menos-dotados):

Num belo dia de Verão, o novo pequeno João estava andando pela rua.

FIM (e chega)

Versão original: Lord F. Ullman C. Koko

Versão mal traduzida: Humberto Ricardo

O NOVO PEQUENO JOÃO TORNA-SE ESCRITOR

Num belo dia de Verão, o novo pequeno grande João ia deslocando o seu corpo ao sabor do vento vertical quando foi interpelado²⁴³ por um cara de óculos.

Aí, o cara de óculos perguntou ao novo pequeno João onde é que ele estava.²⁴⁴ O. K. Ele entregou um papel ao novo pequeno João mas como o novo pequeno João não sabia ler ele ficou sem saber onde estava. Aí, o cara de óculos resolveu ensinar o novo pequeno João a escrever.²⁴⁵

O novo pequeno João e o cara de óculos deslocaram-se ao sabor do vento oblíquo e foram para um parque municipal que tinha sido destruído pelos sete anões mortais²⁴⁶.

Aí, o cara de óculos deu um papel ao novo pequeno João e aí, o novo pequeno João fez um aviãozinho de papel, e aí o cara de óculos tentou explicar o que ele deveria fazer com aquele papel.

(momento necessário para as explicações referidas)

Resolvi agora mesmo escrever dois finais (mais por

²⁴³ Só esta palavra dá para perceber o grande nível cultural que esta história pode ter. Atenção! Eu disse “pode” (N. A.)

²⁴⁴ Na verdade, não perguntou nada porque era surdo-mudo. (N. A.)

²⁴⁵ É aqui que a história em si começa. Eu sei que podia ter começado logo por aqui, mas não me apeteceu. Outro pormenor é que o novo pequeno João vai aprender a escrever quando devia primeiro aprender a ler. (N. A.)

²⁴⁶ Para quem não se lembre, eles eram mortais porque podiam morrer. (N. A.)

indecisão do que por criatividade.

FINAL ALTERNATIVO

Neste momento, o novo pequeno João sabia que aquelas manchas no papel que o cara de óculos lhe tinha entregue eram letras. O novo pequeno João estava aprendendo depressa.²⁴⁷

Dez anos depois, o novo pequeno João já sabia escrever o seu nome. Mal mas sabia.

FINAL REAL

Neste momento, o novo pequeno João já tinha feito dez aviõezinhos de papel. O cara de óculos já se tinha ido embora e o novo pequeno João continua-va analfabeto e feliz.

FIM

Versão original:

Lord F. Ullman C. Koko

Versão mal traduzida:

Humberto Ricardo

Versão alternativa:

Hidráulico Tazinasso

²⁴⁷ Bastante depressa, se tivermos em conta que o tempo real desta história é dez anos. (N. A.)

O NOVO PEQUENO JOÃO VOLTA A SER GRANDE

Num belo dia de Verão, o novo pequeno João estava sentado no chão olhando para o chão. Aí, o novo pequeno João ouviu alguém²⁴⁸ gritar e olhou para o lado²⁴⁹ e viu um cara sendo perseguido. Mas esse cara não era um cara qualquer. Ele era o VOZ-DUPLA!²⁵⁰ – Corrigindo –

Ele era o VOZ-TRIPLA!²⁵¹

E atrás do VOZ-TRIPLA vinha um grupo de meliantes perigosos e com de mau-carácter.²⁵² Aí, o novo pequeno João decidiu ajudar o VOZ-TRIPLA.²⁵³ Assim, o VOZ-TRIPLA fugiu e o novo pequeno João sentiu-se aflito, assustado, desesperado, amedrontado, apavorado, a..

– Chega! Já percebi! Vou ser espancado, não é?

É. Isto vai doer mais em ti do que em mim.

– Eu sei disso.

²⁴⁸ Alguém, não. Alguéns. (N. A.)

²⁴⁹ Isto depois de deixar de olhar para o chão. (N. A.)

²⁵⁰ É tipo papel higiénico. Tem uma voz grave, uma voz média e uma voz aguda. Pronto! Já não pode ser como o papel higiénico, mas continua ser muito fofo, limpo e, dizem, mui absorvente. (N. A.)

²⁵¹ Assim já fica mais coerente. Embora falar de coerência nestas histórias seja um pouco relativo. (N. A.)

²⁵² Acrescente-se a isto o facto desta história se passar junto à saída do esgoto e já vêm o cheiro que se sentia no local. (N. A.)

²⁵³ Ou seja, decidiu ser “panco de sacada”, perdão, “saco de pancada”, já que ele era um e eles eram vinte. Não conto com o voz-tripla porque ele tinha fugido entretanto. (N. A.)

E assim foi. O novo pequeno João foi espancado, mas

– Mas?

Mas enquanto estava sendo espancado o novo pequeno João sentia algo crescendo dentro de si.

– Fome?

Não. Raiva! O novo pequeno João estava sentindo tanta raiva que começou mordendo todos os meliantes. Mas não era tudo! À medida que o novo pequeno João ia mordendo os meliantes eles iam ficando cada vez mais menores e o novo pequeno João ia ficando cada vez mais maior...

Quando acabou de morder os meliantes, o novo pequeno João estava cheio de dores nos dentes e estava novamente grande.

– Isso quer dizer que eu sou grande outra vez?

Sim.

– Mas eu estava gostando de ser pequeno!

Mas se continuasses pequeno tinhas sido espancado.

– Mas eu fui espancado.

Mas eras mais. Por isso, eu fiz o que tinha que fazer.

– Isso quer dizer que é o fim?

Desta época? Sim.

– E que nome é que eu irei usar a partir de agora?

Que tal “novo pequeno grande João”?

– Novo pequeno grande João... Legal!

Aí, o novo pequeno grande João sentou-se no chão e olhou para o chão duma nova perspectiva.²⁵⁴

FIM

Versão original: Lord F. Ullman C. Koko

Versão mal traduzida: Humberto Ricardo

²⁵⁴ Alguns centímetros mais acima. (n. A.)

CONTINUA